



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA
EXAME DE DEFESA

HÊNIO DOS SANTOS RODRIGUES

**A QUEM PERTENCE O CORPO DO HOMEM PRETO E GAY?: RACISMO
AFETIVO-SEXUAL E OS EFEITOS DELETÉRIOS NA SAÚDE MENTAL DOS
HOMENS PRETOS E GAYS.**

*Who owns the body of the black gay man?: Affective-Sexual Racism and the Deleterious
Effects on the Mental Health of Black Gay Men.*

São Cristóvão/SE

Novembro/2024

HÊNIO DOS SANTOS RODRIGUES

**A QUEM PERTENCE O CORPO DO HOMEM PRETO E GAY?: RACISMO
AFETIVO-SEXUAL E OS EFEITOS DELETÉRIOS NA SAÚDE MENTAL DOS
HOMENS PRETOS E GAYS.**

*Who owns the body of the black gay man?: Affective-Sexual Racism and the Deleterious
Effects on the Mental Health of Black Gay Men.*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe – UFS, na linha de pesquisa Saúde e Desenvolvimento Humano, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Elder Cerqueira-Santos

São Cristóvão

Fevereiro/2025

HÊNIO DOS SANTOS RODRIGUES

**A QUEM PERTENCE O CORPO DO HOMEM PRETO E GAY?: RACISMO
AFETIVO-SEXUAL E OS EFEITOS DELETÉRIOS NA SAÚDE MENTAL DOS
HOMENS PRETOS E GAYS.**

*Who owns the body of the black gay man?: Affective-Sexual Racism and the Deleterious
Effects on the Mental Health of Black Gay Men.*

Aprovado em ____ / ____ / ____

Prof Drº Elder Cerqueira-Santos
Universidade Federal de Sergipe
Orientador/Presidente

Prof Drª Dandara Barbosa Palhano
Universidade Federal de Sergipe
Membro Interno

Prof Drª Iara Maribondo Albuquerque
Universidade Federal da Paraíba
Membro Externo 1

Prof Drº Bruno de Brito Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Membro Externo 2

Prof Drª Hyalle Abreu Viana
Universidade Federal da Paraíba
Membro Externo 2

*Dedico esta tese aos que vieram antes de mim, que pavimentaram
caminhos me permitindo chegar até aqui...Laroyê!!*

AGRADECIMENTOS

Agradecer!! Um ato deveras humano e também muito capcioso.

No ato de agradecer se percebe os atos de reconhecer e o de valorizar, neles estão contidos o simbólico, o metafísico e o real. Agradecer, aparentemente uma atividade simples, mas que demanda e desmanda do nosso querer, é uma ação que está repleta do lírico e de riscos, como também das memórias de toda uma trajetória. Sendo assim, ao final desses quase cinco anos, corro o risco de não agradecer a todos que de certo modo contribuíram para a conclusão dessa caminhada pelo simples pregar de peças de uma memória falha e repleta de delírios. Contudo, espero que aqueles que não agradei nominalmente se sintam contemplados aqui, sem mais delongas, vamos ao que interessa.

Primeiramente preciso prestar reverências aos que vieram antes de mim, que pavimentaram o caminho e fizeram meu caminhar ser menos árduo se comparados aos seus. Se existo é porque me permitiram chegar até aqui, protegeram (e protegem) do que não pude /posso ver e me deram/dão tecnologias ancestrais para que pudesse/possa caminhar o caminho da psicologia, ciência e da educação. Em segundo, agradecer nominalmente a Lila e Zezinho (meus pais) pela vida, serem a minha pedra angular, por me ensinar a ser um bom ser humano e entenderem que eu podia/posso mais – ser mãe e pai de um Hênio não é “fácil”.Os esforços de ambos, até mesmo aqueles “imperceptíveis” me moveram para um lugar que é meu por direito. Agradeço imensamente aos meus irmãos e sobrinhos, pois em mim existe um pouco do sonho de cada um, sonhos esses que fiz questão de sonhar e realizar.

A conclusão dessa caminhada não seria possível sem o meu orientador (mentor), Elder Cerqueira-Santos, um verdadeiro mestre, inspiração desde os primeiros passos na graduação em Psicologia, um homem a frente do seu tempo, exímio educador e ser humano. A orientação gentil, humanizada e permeadas por trocas profícuas sempre estiveram presentes. No momento mais obscuro desse processo foi quem acolheu, deu a mão e permitiu que esse

trabalho continuasse e frutificasse. Obrigado por propiciar a expansão da minha visão de mundo, possibilitar voar e conhecer novos universos, ouvir minhas loucuras, dar risadas dos destemperos, puxar a orelha quando necessário, indicar bons vinhos, leituras e inspirar os caminhos da docência.

Gostaria de agradecer aos amigos, muitos deles, mais que amigos – irmãos. Irmãos que a vida fez questão de colocar em meu caminho e mostrar que andar junto pode tornar tudo mais colorido e potente. E nessa jornada sem os amigos acredito que não suportaria tão bem assim. Agradeço a Isabelle Haaiara (Belle) pelas partilhas, trocas diárias, incentivos, por tudo que passamos durante esse período permeado por tantas inquietações, descobertas e fortalecimentos. Ao Igor Henrique (e Jônatas), meu amigo de todas as horas, portas abertas das melhores frases de motivação e tentativas de me fazer chorar – conseguiu algumas vezes – obrigado amigo por tanto afeto e carinho durante todos esses anos. A Noêmia Alice, essa amiga-irmã de uma alma gigante que a pós-graduação me deu e espero que perdue a vida inteira. Ao Thiago Duque por me fazer olhar a vida de uma maneira mais realista, pelas aventuras, sonos reparadores, por movimentar meu sistema solar e tardes de leveza. A Erika e Adri, amigas que a vida de professor me contemplou e que chegaram no momento em que pedi ao universo almas amigas, então pouco tempo já se tornaram especiais. A Kaline (Waleska) por todo suporte e incentivos, mesmo em um curto espaço de tempo. Aos amigos que a UFS e o SexUs me deram – Andréa Patrícia, Danilo (secretário PPGPSI), Baruc, Erica, Jean e Mozer – gratidão por toda partilha, ajuda com os dados, incentivos, boas gargalhadas e aventuras acadêmicas por esse Brasil a fora.

Agradecer imensamente aos membros da banca avaliadora por topar ler e contribuir substancialmente para a melhora desse trabalho. Pessoas que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, seja na graduação ou na pós e que estão comigo no fechamento deste ciclo – Iara, Hyalle, Dandara e Bruno – o universo me brindou com a melhor banca do mundo, seres que tive a sorte de encontrar nesse terreno que muitos julgam arenoso.

A CAPES e ao presidente Luís Inácio Lula da Silva por possibilitar o desenvolvimento deste trabalho e via as políticas afirmativas que um preto possa se tornar DOUTOR.

Finalizar esse ciclo é como olhar para trás e conseguir vislumbrar o quanto o tempo é voraz e o tanto que nos transformamos. É entender que cada pessoa que fez parte dessa caminhada esteve contigo por um motivo, é entender que nada é impossível, e todo sonho merece ser vivido e realizado.

“Aqui”, dizia ela, “aqui neste lugar, nós somos carne; carne que chora, ri, carne que dança descalça na relva; Amem isso. Amem. Amem forte. Lá fora não amam a sua carne.

Desprezam a sua carne
(Amada, Toni Morrison)

RESUMO

O racismo afetivo-sexual* se configura como um processo de preterimento, objetificação, hiperssexualização e acobertamento de pessoas negras nas dinâmicas afetivas e sexuais, inviabilizando a vivência plena de experiências afetivas e sexuais positivas dada a cor de sua pele. Sendo assim, o cenário afetivo e sexual para pessoas não brancas no Brasil é permeado por dinâmicas não muito tangíveis, posto que os dilemas raciais (e.g., violências, exclusões, discriminação) que interferem na vida cotidiana e pública de pessoas negras incidem também sobre as esferas mais íntimas e privadas (e.g., relacionamentos e vida afetiva e sexual) desde outrora. Tal vivência adquire contornos e impactos duplamente significativos quando se interseccionam raça e identidade sexual, ou seja, quando se objetiva avaliar os impactos do racismo afetivo-sexual na saúde mental de homens pretos gays no Brasil. Diante desses pressupostos, desenvolveu-se o presente projeto de pesquisa, que tem como objetivo geral investigar a vivência do racismo afetivo-sexual por homens pretos gays e, concomitantemente, avaliar os impactos desse tipo de racismo na saúde mental desses indivíduos. Especificamente, ele busca: a) levantar os principais aspectos sobre o racismo afetivo-sexual na literatura; b) transpor os achados internacionais sobre o racismo afetivo-sexual para possível aplicabilidade à realidade brasileira; c) desenvolver uma medida que viabilize a mensuração do racismo afetivo-sexual, considerando a pluralidade do cenário brasileiro; d) desenvolver um estudo comparativo entre homens pretos, pardos e brancos, intentado validar a existência e os impactos do racismo afetivo-sexual em homens pretos gays quando comparados aos outros dois grupos raciais. Para atingir os objetivos propostos, serão realizados quatro estudos, apresentados nos capítulos deste trabalho. O Capítulo 1 apresenta um estudo teórico sobre o fenômeno do racismo afetivo-sexual e suas nuances ao analisá-lo interseccionado com a vivência de homens pretos gays, trazendo as matizes que compõem essa dinâmica. No Capítulo 2, será realizada uma revisão de escopo da literatura científica recente, objetivando analisar os dados inerentes ao processo de exclusão do racismo afetivo-sexual e os seus impactos na saúde mental de homens não brancos gays. O Capítulo 3 apresenta um estudo psicométrico de construção e validação da Escala de Vivência do Racismo Afetivo-Sexual (EVRAS) em uma população de pessoas autodeclaradas pretas. Seus resultados mostraram que pessoas pretas vivenciam o racismo afetivo-sexual via uma escala trifatorial (preterimento, objetificação e acobertamento). Os dados provenientes deste material possibilitam a confirmação da existência do racismo afetivo-sexual e de como o fenômeno limita a trajetória afetiva-sexual de pessoas pretas no Brasil. O Capítulo 4 é constituído por um estudo quantitativo que tem por objetivo comparar a vivência de racismo afetivo-sexual por homens não brancos (pretos e pardos) e brancos gays, visando aprimorar os índices da EVRAS e verificar se o fenômeno pode ser encontrado nesse contexto, bem como se o mesmo desvela efeitos deletérios à saúde mental dos sujeitos participantes da pesquisa. Os resultados extraídos das análises da EVRAS mostram que o racismo afetivo-sexual é vivenciado em maior grau por homens pretos e pardos gays e que, em algum nível, sua saúde mental é comprometida. Destarte, espera-se que os resultados desses estudos propiciem respostas acerca do racismo afetivo-sexual, bem como eliciem pesquisas sobre os impactos dessa vertente do racismo na saúde mental de pessoas pretas no Brasil.

Palavras-chave: racismo afetivo-sexual, homens pretos gay, saúde mental

ABSTRACT

Affective-sexual racism* is configured as a process of neglect, objectification, hypersexualization, and silencing of Black people in affective and sexual dynamics, hindering the full experience of positive affective and sexual relationships due to skin color. Thus, the affective and sexual environment for non-White people in Brazil is permeated by less tangible dynamics, as the racial issues (e.g., violence, exclusion, discrimination) that interfere with the daily and public lives of Black people also impact the most intimate and private spheres (e.g., relationships and affective and sexual life) since ancient times. Such experiences take on doubly significant contours and impacts when race and sexual identity intersect, that is, when we aim to evaluate the impacts of affective-sexual racism on the mental health of Black gay men in Brazil. Given these premises, the present research project was developed with the general objective of investigating the experience of affective-sexual racism by Black gay men and, concomitantly, evaluating the impacts of this type of racism on their mental health. Specifically, it aims to: a) identify the main aspects of affective-sexual racism in the literature; b) transpose international findings on affective-sexual racism to possible applicability in the Brazilian reality; c) develop a measure to enable the assessment of affective-sexual racism, considering the plurality of the Brazilian context; d) develop a comparative study between Black, mixed-race, and White men, aiming to validate the existence and impacts of affective-sexual racism in Black gay men compared to the other two racial groups. To achieve the proposed objectives, four studies will be conducted and presented in the chapters of this work. Chapter 1 presents a theoretical study on the phenomenon of affective-sexual racism and its nuances when analyzed in the context of the experiences of Black gay men, highlighting the subtleties that shape this dynamic. Chapter 2 will conduct a scoping review of recent scientific literature, aiming to analyze data related to the process of exclusion through affective-sexual racism and its impacts on the mental health of non-White gay men. Chapter 3 presents a psychometric study for the construction and validation of the Affective-Sexual Racism Experience Scale (EVRAS) in a population of self-identified Black individuals. The results showed that Black individuals experience affective-sexual racism via a three-factor scale (neglect, objectification, and silencing). Data from this study confirm the existence of affective-sexual racism and illustrate how the phenomenon limits the affective-sexual trajectory of Black individuals in Brazil. Chapter 4 consists of a quantitative study aimed at comparing the experience of affective-sexual racism among non-White (Black and mixed-race) and White gay men, with the goal of improving EVRAS indices and determining whether the phenomenon exists in this context, as well as whether it reveals deleterious effects on participants' mental health. The results derived from the EVRAS analyses show that affective-sexual racism is experienced to a greater extent by Black and mixed-race gay men, and that, to some degree, their mental health is compromised. Thus, it is expected that the results of these studies will provide answers about affective-sexual racism, as well as stimulate research into the impacts of this facet of racism on the mental health of Black people in Brazil.

Keywords: affective-sexual racism, Black gay men, mental health

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 2

Figura 1. Fluxograma com processo de seleção dos estudos.....46

CAPÍTULO 4

Figura 1. Fenômeno do Racismo Afetivo e Sexual em homens não-heterossexuais pretos, brancos e pardos.....87

Figura 2. Análise de Redes - Interação EVRAS e homens gays pretos.....88

Figura 3. Análise de Redes - Interação EVRAS e homens brancos gays.....88

Figura 4. Análise de Redes - Interação EVRAS e homens pardos gays.....89

Figura 5. Associação entre raça do participante e status de relacionamento.....93

Figura 6. Associação entre raça do parceiro e raça do participante.....93

Figura 7. A relação entre as dimensões do racismo afetivo e sexual e a insatisfação corporal mediada pela autoestima.....94

Figura 8. A relação entre as dimensões do racismo afetivo e sexual e positividade corporal mediada pela autoestima.....96

Figura 9. A relação entre as dimensões do racismo afetivo e sexual e a homofobia internalizada mediada pela autoestima.....98

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO 2

Tabela 1. Informações sobre os estudos selecionados para a Revisão de Escopo.....51

CAPÍTULO 3

Tabela 1. Cargas Fatoriais da Escala de Vivência de Racismo Afetivo-Sexual (EVRAS).....71

Tabela 2. Correlações Bivariadas.....72

Tabela 3. Comparações estatísticas de distribuição da EVRAS através de Testes 1.....74

CAPÍTULO 4

Tabela 1. Médias comparativas por cor/raça autodeclarada dos participantes.....90

Tabela 2. Correlações entre racismo afetivo-sexual, autoestima, estresse de minoria e mal-estar psicológico nos participantes autodeclarados pretos.....91

Tabela 3. Correlações entre racismo afetivo-sexual, autoestima, estresse de minoria e mal-estar psicológico nos participantes autodeclarados pardos.....91

Tabela 4. Efeitos da mediação da autoestima na relação entre racismo afetivo/sexual e insatisfação corporal.....95

Tabela 5. Efeitos da mediação da autoestima na relação entre racismo afetivo/sexual e positividade corporal.....96

Tabela 6. Efeitos da mediação da autoestima na relação entre racismo afetivo/sexual, autoestima e homonegatividade internalizada.....98

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

1. AERA – American Educational Research Association
2. APA – American Psychology Association
3. EAR – Escala de Autoestima de Rosenberg
4. ESSC – Escala Situacional de Satisfação Corporal
5. EVRAS – Escala de Vivência do Racismo Afetivo-Sexual
6. HSHs – Homens que fazem sexo com outros Homens
7. IST’s – Infecções Sexualmente Transmissíveis
8. IES – Instituição de Ensino Superior
9. K10 – Escala Kessler para mensuração de saúde mental
10. LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans/Travestis, Queer, Intersexo, Assexual
11. TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
12. CNS – Conselho Nacional de Saúde

SUMÁRIO

Sumário

| | |
|---|----|
| LISTA DE FIGURAS..... | 11 |
| LISTA DE TABELAS..... | 12 |
| LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS..... | 13 |
| APRESENTAÇÃO..... | 17 |
| CAPÍTULO 1..... | 24 |
| Racismo Afetivo-Sexual E Homossexualidade: A Quem Pertence O Corpo Do Homem Negro Gay?..... | 24 |
| Anticorpos: Representações Do Corpo Negro..... | 26 |
| Racismo Afetivo-Sexual No Brasil..... | 28 |
| Racismo Afetivo-Sexual, Pornografia E Exclusão..... | 31 |
| Aplicativos De “Pegação”: Territórios Fértis Para Racismo Afetivo-Sexual E Exclusão..... | 32 |
| Racismo Afetivo-Sexual & Saúde De Homens Negros Não-Heterossexuais..... | 35 |
| 2. Considerações Finais..... | 38 |
| CAPÍTULO 2..... | 40 |
| O impacto racismo afetivo-sexual em homens gays pertencentes a minorias raciais:..... | 40 |
| Uma revisão de Escopo..... | 40 |
| Introdução..... | 41 |
| Objetivos..... | 43 |
| Método..... | 43 |
| Estratégia de Busca..... | 43 |
| Seleção de estudos..... | 44 |
| Critérios de Inclusão e Exclusão..... | 44 |
| Análise e Apresentação dos Dados..... | 45 |
| Resultados e discussão..... | 47 |
| Análise do Conteúdo..... | 47 |
| Considerações..... | 56 |
| CAPÍTULO 3..... | 58 |
| CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DA ESCALA DE VIVÊNCIA DO RACISMO AFETIVO-SEXUAL..... | 58 |
| Artigo publicado na Revista Psicologia e Saber Social https://www.e-publicacoes.uerj.br/psi-sabersocial/article/view/83392/49594 | 58 |
| Introdução..... | 59 |
| Método..... | 64 |
| Etapa 1: Construção dos itens..... | 64 |
| Etapa 2: Evidências de Validade de Conteúdo..... | 65 |
| Etapa 3: Evidências de Validade da estrutura interna..... | 66 |
| Participantes..... | 66 |
| Instrumentos..... | 66 |
| Procedimentos..... | 67 |
| Análise de dados..... | 68 |
| Resultados..... | 69 |
| Evidências de validade da estrutura interna..... | 69 |
| Evidências de validade de critério..... | 70 |
| Discussão..... | 74 |
| Considerações finais..... | 77 |

| | |
|--|-----|
| CAPÍTULO 4..... | 80 |
| SAÚDE MENTAL DE HOMENS GAYS E OS IMPACTOS DO RACISMO AFETIVO-SEXUAL: ESTUDO COMPARATIVO..... | 80 |
| Introdução..... | 80 |
| Método..... | 82 |
| Participantes..... | 82 |
| Instrumentos..... | 83 |
| Procedimentos..... | 84 |
| Análises De Dados..... | 85 |
| Resultados..... | 86 |
| Comparações entre os fatores da vivência de racismo afetivo-sexual e a raça dos participantes..... | 86 |
| Correlações entre racismo afetivo-sexual e desfechos em saúde mental..... | 89 |
| Associações entre Raça, Status de Relacionamento e Raça do Parceiro..... | 90 |
| Discussão..... | 98 |
| Considerações | 100 |
| Considerações Finais..... | 103 |
| REFERÊNCIAS..... | 106 |
| APÊNDICES..... | 113 |
| APÊNDICE A..... | 114 |
| TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... | 114 |
| APÊNDICE B..... | 116 |
| DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS..... | 116 |
| APÊNDICE C..... | 118 |
| ESCALA DE VIVÊNCIA DO RACISMO AFETIVO-SEXUAL (EVRAS)..... | 118 |
| ANEXOS..... | 122 |
| ANEXO 1..... | 123 |
| Saúde Geral (QSG-12)..... | 123 |
| ANEXO 2..... | 125 |
| ANEXO 3..... | 126 |
| Anexo 4..... | 127 |
| Homofobia..... | 127 |

APRESENTAÇÃO

Amor, amor. Ah, desses afetos, desses traumas todos, né? Então eu vejo que, assim, muitos dos meus traumas vêm por conta da infância. Pelo pai presente que eu não tive, ou pelo bullying que eu sofri na escola, ou por todas as vezes que eu fui preterida, por ter sido sempre a última... Nem a última, assim, eu não era nem considerada no afeto na escola. Eu não fui uma adolescente que beijou na boca. Eu fui uma adolescente que foi beijar na boca porque, quando eu tinha 18 anos, uma pessoa que eu conheci falou assim, você vai morar em São Paulo, você tem que chegar em São Paulo pelo menos com a boca beijada. E aí... Foi assim? Foi assim. E aí... Porque eu nunca tava sendo escolhida? (Liniker em entrevista ao Podcast PodPá, 2024)

Amor? Ser escolhida/o? Como uma pessoa preta representa o amor, carinho, afeto se isso raramente lhe é ofertado? O corpo preto/negro foi “construído” para não ser amado, beijado, desposado. Sobre esse corpo estão fincados signos de força, música, dor e luta, mas não de beleza, afeto e amor, principalmente em nosso país. Todos os sinais informam que esse território não nos habita, não combina com a cor da nossa tez, desde a mais tenra idade, a cor preta/negra é vista como sinônimo de sujeira (Sousa, 2021), pecado (Moutinho, 2003) e feiura (Hordge-Freeman, 2020), logo não é feita para ser amada - Como vai se amar o feio, beijar o sujo e deitar com o pecado? - o referencial de “afeto” ofertado à pessoa preta está permeado por configurações confusas (a curiosidade, o fetiche, as relações efêmeras, a animalização). Corpos pretos foram feitos para serem devorados às escusas, com luzes apagadas, longe de tudo e todos, por conseguinte regurgitados na sarjeta, posto que “pessoas brancas são pra casar, “mulatas” para transar e pretas (retintas) para trabalhar.” Esse aforisma vai se atualizando mediante a atualização das dinâmicas afetivas e do desejo contemporâneos. Alguns afirmam veementemente que os “tempos são outros” que o “amor não tem cor” e outras frases de efeito que tentam minimizar os impactos de uma estrutura racista que determina espaços e poderes tangíveis e intangíveis (e.g., o amor).

Tal espaço de poder é usurpado desde o ventre, quando, num período não muito distante, a mulher ter uma criança com a pele escura era sinônimo de ter a barriga suja. (Sousa, 2021; Nogueira, 2020; Hordge-Freeman, 2020), O ventre negro atrelado à sujeira promove uma ode de estigma desde o período da gestação, ou seja, o corpo preto entra em processo de despersonalização desde a sua concepção, podendo imputar à mãe um sentimento de rejeição, pois a criança não nasce “limpa”, e por isso deve ser rejeitada. Isso reverbera durante toda a vida desse indivíduo, impactando na forma como se enxerga, nas relações que criam ou evitam criar, na impossibilidade de encontrar beleza em seu corpo e seus traços, na autoestima e em sua saúde mental, ou seja, provoca-se um ciclo de rejeições e auto-rejeições.

Nesse ínterim, a pergunta “O que é amor?” fica sem resposta para muitos de nós, pois não se pode ter respostas sobre o que nunca (ou quase nunca) se vivenciou, apalpou, sentiu o gosto. Pesquisar, escrever sobre esse ser quase mitológico, tentando questioná-lo, desvendá-lo e decifrá-lo, é retomar um caminho quase desconhecido, raramente pisado, e doloroso, principalmente quando não se tem um referencial extenso sobre o corpo negro, ou, quando se tem, este é perpassado pela escusa, pela objetificação, pelo preterimento e pelo racismo afetivo-sexual. O ideal de amor que nos é ofertado é branco, ou seja, inalcançável, e quando se vislumbra a possibilidade de estar em tal espaço de forma legítima, este vem permeado por estereótipos, relações e dinâmicas de poder assimétricas, ou seja, sempre sinalizações que estamos em um território que supostamente não foi feito para nós. Mesmo que afirmem, de forma incisiva, que o “amor não tem cor”, observa-se que as dinâmicas afetivas seguem massivamente a lógica da branquitude, é como se, nesse campo, o pacto narcísico (Bento, 2022) se afirmasse de forma sutil e deveras articulada, ou seja, a lógica da “questão de gosto” se ativa quase de forma automática no intuito de proteger o “amor branco”.

Portanto, questões inerentes às dores e aos dissabores da vida das pessoas negras no Brasil não mobilizam ações, discussões, análises como as dos grupos hegemônico, principalmente as das esferas íntimas, os amores e a falta dele perpetrada pelas lógicas

racistas brasileira. As questões envolvendo os dilemas e as problemáticas da população preta* no Brasil são abissais quando transpostas para a pesquisa acadêmica, ou seja, são colocadas em um lugar de desinteresse, inacessibilidade e esquecimento. É possível observar que, em variados campos do saber na ciência brasileira, há um apagamento de produções e dados sobre temáticas inerentes a pessoas negras, configurando-se na continuidade do epistemicídio dos saberes construídos por e para pessoas negras neste país.

Quando observamos o cenário acadêmico e de produção científica, podemos ver que, nos meandros e corredores das academias, falar sobre “questões pretas” é tido como um assunto “non grato”, e isso assume contornos mais densos quando se tenta abordar essas questões no campo psi. Mesmo com um movimento significativo de profissionais da psicologia para empreender uma psicologia antirracista — uma psicologia pautada no combate às desigualdades raciais e que busca evidenciar os efeitos deletérios do racismo estrutural nos mais diversos âmbitos da vida da pessoa negra e a incidência deste na saúde mental — é visível a objeção e resistência de diversos e poderosos atores para que tal intento aconteça. Sendo assim, temos um cenário psi que resiste em “compreender” que o racismo e as diversificadas violências advindas dele propiciam sofrimento tanto físico quanto psicológico.

É sabido que, na história da psicologia, ela teve um papel significativo na reificação de racismos e na manutenção do status quo. Mesmo sendo uma ciência que se pretende pautada na equidade, universalidade, diversidade e no combate à discriminação, de toda sorte, observa-se, na prática, que essa premissa continua a ser veementemente ignorada. O campo psi — em sua maioria — se constrói numa dinâmica de ciência feita por “brancos e ricos para brancos e ricos” – evidente em áreas fulcrais como a psicologia do desenvolvimento - sendo toda tentativa de ativação da real função emancipatória e de combate às desigualdades da psicologia, minada por um séquito que detém expressivo poder e que está, em sua maioria, nos espaços centrais para uma real transformação da psicologia. Asseveramos, assim, que

universidades, revistas, sociedades e conselhos profissionais perpetuam ideias e ideais ancorados em uma lógica do “não fale, não pergunte”, promovendo apagamentos e silenciamentos de pesquisadores, docentes e profissionais clínicos que tendem a ativar os marcadores de raça e delinear as desigualdades que se instauram quando pinçamos a vida de pessoas negras*, e colocamos uma lupa sobre essas questões, denunciando que o Brasil é um país racialmente desigual.

Os processos atrelados ao racismo científico, disseminado por Gobineau e perpetuado por outros cientistas brasileiros (e.g., Nina Rodrigues), ainda vigoram no que chamamos de saber científico e são sutilmente, mas de forma efetiva, ativados quando necessários. Os ditames eugênicos que preconizam a inferioridade mental, intelectual, moral e física de pessoas não brancas ainda são determinantes relevantes nos processos de exclusão de pessoas pretas e indígenas, pois estão imbricados na lógica de poder (Hoyt Jr, 2012) necessária para a manutenção das dinâmicas de dominação e controle inerentes ao colonialismo (Kilomba, 2022) que permeiam as relações étnico-raciais no Brasil. Diante desse cenário, é possível conjecturar o quanto debater, pesquisar e ensinar sobre dinâmicas raciais no Brasil e na psicologia se concebe como um movimento deveras desgastante, posto que as questões que afligem pessoas pretas neste país são vistas como irrelevantes. Portanto, nesse processo, fica nítido que a “ciência” segue a lógica que operacionaliza o pacto narcísico da branquitude — pesquisas válidas só servem se forem concebidas para brancos e por brancos — e, nesse movimento, observa-se quem são as pessoas e aquelas que não são, quem são objetos e quem não são.

O processo de apagamento e objetificação das vivências de pessoas negras é um resquício de um processo de colonização que perdura e atravessa as mais diversas relações no contexto brasileiro — desde a pesquisa até as relações afetivas e sexuais — e, nesse movimento, os interditos vão se concretizando. Portanto, observamos que algumas áreas do conhecimento (e.g., psicologia) ainda se mostram em estágio embrionário no que tange à

ampliar seu escopo de pesquisa para questões que mostrem e/ou denunciem o quanto se faz pertinente analisar o recorte racial, levando em consideração a realidade brasileira. Esse dado se torna mais alarmante quando adentramos o campo das relações entre afetividade, identidades sexuais, corporalidade e raça no Brasil, visto que estes espaços são campos de tensões tidos como temáticas “nichadas”, repletos de controvérsias, mobilizadores de questionamentos que desmascaram a dinâmica da colonização em suas nuances mais elaboradas.

West (2021) afirma que “os brancos têm medo da sexualidade de pessoas pretas” nos Estados Unidos, visto que esta se configura como uma das searas em que o branco estadunidense seria colocado em um lugar de inferioridade, caso fosse ativada, posto que a sexualidade, nesse contexto, está atrelada ao poder. Nesse movimento, observa-se que, intrinsecamente a esse processo de interdição da sexualidade e afetividade da pessoa preta, vão sendo engendradas ideias e estereótipos acerca da expressão afetiva e sexual desses indivíduos. Juntamente com ditames cristãos, esses mecanismos são disseminados e tomados como verdades por uma gama expressiva da população, tornando os processos de exotização, apagamento, silenciamento e exclusão potentes.

Em um período não muito distante, o corpo e as expressões afetivas e sexuais de pessoas não brancas eram taxados como aberrantes, inumanos e demoníacos, ou seja, não naturais. Logo, tais corpos e expressões deveriam ser aprisionados, tratados como peças e/ou extintos, algo semelhante ao vivenciado por Saartjie Baartman (A Vênus Negra). Portanto, ao analisarmos e transpormos essa lógica para o cotidiano, ainda se observam sentimentos controversos, repugnantes e permeados por tabus acerca da afetividade e sexualidade de pessoas pretas. Isso é perpetuado até mesmo entre famílias pretas, sendo que o afeto é algo que não é ensinado nem ofertado a crianças pretas (Hordge-Freeman, 2020; Bell Hooks, 2019). Assim, muitas delas crescem sem um referencial positivo do que é afeto/amor e, no que tange à sexualidade e a seus processos, tornam-se jovens pretos que assimilam um

referencial disfuncional de sexualidade, permeado por modelos hiperssexualizados, objetificados, pornográficos, desenvolvendo crenças acerca da impossibilidade de amar e ser amado/a/e. Esse cenário nos leva a refletir sobre como o racismo e seus efeitos deletérios são insidiosos, alastrando-se desde as esferas macro até as mais microscópicas, reificando-se e permeando a vida da pessoa preta desde o seu nascimento até a sua morte. (Selvarajah *et al.*, 2022).

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo geral investigar a vivência do racismo afetivo-sexual por homens pretos gays e, concomitantemente, avaliar os impactos desse tipo de racismo na saúde mental desses indivíduos. Especificamente, ele busca: a) levantar os principais aspectos sobre o racismo afetivo-sexual na literatura; b) transpor os achados internacionais sobre o racismo afetivo-sexual para possível aplicabilidade à realidade brasileira; c) desenvolver uma medida que viabilize a mensuração do racismo afetivo-sexual, considerando a pluralidade do cenário brasileiro; d) desenvolver um estudo comparativo entre homens pretos, pardos e brancos, intentando validar a existência e os impactos do racismo afetivo-sexual em homens pretos gays quando comparados aos outros dois grupos raciais. Para atingir os objetivos propostos, serão realizados quatro estudos, apresentados nos capítulos deste trabalho.

O Capítulo 1 apresenta um estudo teórico sobre o fenômeno do racismo afetivo-sexual e suas nuances ao analisá-lo interseccionado com a vivência de homens pretos gays, trazendo as matizes que compõem essa dinâmica. No Capítulo 2, será realizada uma revisão de escopo da literatura científica recente, objetivando analisar os dados inerentes ao processo de exclusão do racismo afetivo-sexual e os seus impactos na saúde mental de homens não brancos gays. O Capítulo 3 apresenta um estudo psicométrico de construção e validação da Escala de Vivência do Racismo Afetivo-Sexual (EVRAS) em uma população de pessoas autodeclaradas pretas. Seus resultados mostraram que pessoas pretas vivenciam o racismo afetivo-sexual via uma escala trifatorial (preterimento, objetificação e acobertamento). Os

dados provenientes deste material possibilitam a confirmação da existência do racismo afetivo-sexual e de como o fenômeno limita a trajetória afetiva-sexual de pessoas pretas no Brasil. O Capítulo 4 é constituído por um estudo quantitativo que tem por objetivo comparar a vivência de racismo afetivo-sexual por homens não brancos (pretos e pardos) e brancos gays, visando aprimorar os índices da EVRAS, e verificar se o fenômeno pode ser encontrado nesse contexto, bem como se desvela efeitos deletérios à saúde mental dos sujeitos participantes da pesquisa.

CAPÍTULO 1

Racismo Afetivo-Sexual E Homossexualidade: A Quem Pertence O Corpo Do Homem Negro Gay? ¹

Na dinâmica dos relacionamentos entre pessoas pertencentes às minorias sexuais, o racismo afetivo-sexual se faz presente (Callander, 2012; Callander, 2015; Han, 2007; Plummer, 2007; Thai, 2019; Thai, 2020). O objetivo deste capítulo é propiciar reflexões acerca do racismo afetivo-sexual e afetivo e o impacto na vida dos homens gays negros. Iniciaremos com uma breve explanação acerca do fenômeno, inserindo um panorama referente à produção científica internacional e interseccionando com a realidade brasileira com o intuito de promover a discussão quanto à vivência do racismo afetivo-sexual entre homens gays negros e suas reverberações nas mais variadas searas da vida afetiva e sexual desses sujeitos; explorando o papel da mídia, tecnologia, cultura e relações sociais no processo de reificação dessa violência.

Para tal finalidade, será empreendida discussão acerca da imagem do homem negro e do homem negro gay e de como esses indivíduos são inseridos e tratados nas relações sexuais e afetivas na nossa realidade, com o intuito de abordar os mecanismos de opressão utilizados pela lógica racista para efetivar do fenômeno; em seguida, uma introdução sobre representações do homem gay negro, como a existência desse sujeito é essencializada; o papel dos aplicativos de relacionamento/ “pegação” na reificação do racismo afetivo-sexual entre homens gays negros e não-negros; e, por fim, os impactos da vivência do fenômeno na saúde mental.

É possível afirmar que outras minorias sexuais (lésbicas, travestis e transexuais) negras podem vivenciar singularmente o racismo afetivo-sexual. Sendo assim, fazer esse movimento demanda uma análise mais pormenorizada e cuidadosa acerca das nuances que compõe a trajetória dessas pessoas, algo que não será concebido neste trabalho, para que não

¹ Capítulo publicado no livro Psicologia e Sexualidade: Diversidade Sexual

corramos o risco de abordar tais cenários sem a primazia que lhe é merecida. Portanto, o presente trabalho, versará somente sobre as possíveis vivências de homens gays negros e o racismo que pode vir a ser parte constituinte das relações experienciadas por esses sujeitos.

A incidência do racismo na vida afetiva e sexual e os seus danos nas vidas de pessoas negras foram observados, no contexto estadunidense, por Stember (1978), ao perceber que esses indivíduos eram excluídos e estigmatizados, tendo o direito de se relacionar afetiva e sexualmente outorgado por leis que visavam a segregação, bem como o controle dos corpos e vidas dessas pessoas. Esse processo de rejeição de pessoas pertencentes a minorias raciais, quando no âmbito afetivo e sexual, recebeu a alcunha de racismo afetivo-sexual. Em 2012, a definição ganha outros contornos com o intuito de ampliar o escopo de entendimento acerca desse processo de exclusão e as suas variadas formas de se operacionalizar. Sendo assim, Callander (2012) redefine o racismo afetivo-sexual como “a exclusão de pessoas não-brancas para relacionamentos sexuais e afetivos, tanto em âmbitos físicos quanto virtuais baseando-se somente na cor da sua pele”.

Ao pensarmos o fenômeno do racismo afetivo-sexual e afetivo em consonância com a realidade brasileira, temos que levar em consideração a maneira como a colonização, a miscigenação e o mito da democracia racial ainda reverberam nas relações raciais e concomitantemente nas relações afetivas e sexuais. Negar que os relacionamentos não são regidos por uma lógica de hierarquização racial é um movimento desonesto, já que o racismo estrutural também impregna os nossos afetos, gostos e preferências, define quem é para casar, transar e trabalhar (Callander, 2012; Pacheco, 2013). Sendo o racismo afetivo-sexual não somente uma questão de “preferência individual”, ele se coaduna com uma ampla política de exclusão que está alinhada com o racismo estrutural que privilegia os grupos raciais majoritários (Thai, 2020).

Anticorpos: Representações Do Corpo Negro

Lá vem o negão Cheio de paixão Te catá,
te catá, te catá Querendo ganhar todas
meninhas Nem coroa ele perdoa não.

(La vem o negão – Cravo e Canela)

A imagem concebida do homem negro no Brasil perpassa a imagem do predador, do ser bestializado, viril e bem provido de dotes fálicos (Carlson, 2019; Moutinho, 2003; Pacheco, 2013; Plummer, 2008). O corpo do homem negro é construído a partir das imagens disseminadas desde o advento da diáspora africana, sendo essas concebidas para o prazer alheio (Hooks, 2003). A sexualidade desse homem é regida pela norma brancocisheteronormativa, sendo assim, para ele, a possibilidade de uma outra sexualidade que não a heterossexual é vista como duplo desvio – ser negro e gay não se encaixa no que é esperado do homem a famigerada frase “além de preto, viado” – que ressoa durante a toda a existência desse sujeito – ilustra os racismos e preconceitos sexuais que são aspectos fulcrais na construção da “democracia racial” (Freyre, 1983). Democracia essa, onde vigoraria um senso de equidade entre os indivíduos de todas as raças, vivendo em perfeita harmonia e tendo acesso a privilégios de forma horizontalizada.

O negro não pode ser não-heterossexual, tem que ser o “negão” cheio de paixão que quer “ganhar todas as meninas e não perdoa nem as coroas”. Caso seja homossexual, não pode performar a passividade, tem que ser ativo (a. k. a. comedor), tem que ser bem-dotado e jamais se cansar (Felipe & Takara, 2018; Hall, 1997). Esses “requisitos” não o livram de ser colocado no papel de objeto sexual na maioria das vezes. Seu corpo é desejado, alvo de olhares, desperta tesão; seu órgão genital deve ser o maior possível para que assim, o outro possa se refestelar. Contudo, é somente para uma noite, na madrugada, a partir de

determinado horário e em lugares ermos, mas não para ser apresentado à família, aos amigos e ser desposado (Moutinho, 2003; Pacheco, 2013).

Frases ditas aos quatro ventos como “adoro um negão”; “já fiquei com um negro que me deixou sem poder andar”, dentre outras, expõem a lascívia e a objetificação do sujeito pelo via estritamente sexual. Essa é a armadilha imputada pela suposta democracia racial para que, ao apontarmos o racismo afetivo-sexual, afetivo e outros tipos de racismo, essa denúncia se transforme em engodo (Guimarães, 1999; Telles, 2003). É nesse sentido que ter relações sexuais e/ou afetivas com esses indivíduos não impede que o racismo incida sobre a forma como seus parceiros os representam.

A vida do homem gay negro é atravessada pelas hierarquias raciais e de afeto. A lógica de preferências/gostos, pedra angular do racismo afetivo-sexual, também é ativada entre os indivíduos gays, bissexuais e HSHs que utilizam dessa premissa para determinar quais os sujeitos são dignos de serem humanizados, ter afeto e direito ao amor. O gosto é construído socialmente e, no Brasil, ele se operacionaliza de forma singular, considerando que nosso olhar é concebido a partir do que nos cerca (Bourdieu, 2008). Quando interseccionamos raça e sexualidade, podemos vislumbrar que o racismo determina qual o padrão para quem os nossos olhos devem se debruçar e cogitar se engajar afetivamente. É possível inferir que, no “mercado dos afetos”, existe uma seletividade conjugal, e o “paraíso racial” se transforma em inferno para aqueles que não estão dentro da lógica eurocêntrica que norteia as relações amorosas no Brasil.

Racismo Afetivo-Sexual No Brasil

Os estudos sobre o racismo afetivo-sexual em contexto internacional se mostram bastante diversificados, fazendo interseções entre raça, gênero, sexualidade e classe, possibilitando uma discussão acerca da expressão do mesmo em diversos países (Austrália, Canadá, África do Sul e Estados Unidos) e sobre os aspectos inerentes à sua constituição. A maior parte das pesquisas são focadas no público gay, bissexual e HSH, levando-nos a observar uma certa carência de trabalhos que abordem essa dinâmica com diversos públicos em território brasileiro (Bhambani, 2019; Callander, 2015; Plummer, 2007; Thai, 2020).

Quando buscamos compreender as lógicas inerente ao fenômeno no Brasil existe um aspecto singular no que tange ao racismo afetivo-sexual se comparado a outras nações: a miscigenação. O processo de miscigenação no país foi intenso, dando à nossa realidade contornos únicos; já nos países colonizados por espanhóis e britânicos a miscigenação foi menos frequente (Freyre, 1983). Tal cenário evidencia que as dinâmicas do racismo afetivo-sexual e os seus desdobramentos se processam de maneira distinta no contexto brasileiro quando comparados aos Estados Unidos da América, África do Sul, europeus e da Oceania, o que demanda análises mais pormenorizadas do tecido social brasileiro. Portanto, ao intentar estudar o racismo afetivo-sexual no contexto nacional, faz-se necessário considerar suas especificidades – tanto os contornos propiciados pela miscigenação quanto as lógicas inerentes ao mito da democracia racial.

No Brasil, a negação do racismo vigorou até a década de 1990 (Telles, 2003), como fruto do mito da democracia racial – a falsa ideia de privilégios e deveras são distribuídos de forma equânime na sociedade brasileiro, não havendo um sutil e pervasiva estratificação racial - que, mesmo que não evocado, ainda permeia o imaginário dos brasileiros. É importante trazer à tona que, nos países citados anteriormente (Estados Unidos, Austrália e África do Sul), a estratificação racial é mais acentuada, devido ao processo de colonização mais ferrenho, contudo, no Brasil, ser negro ou branco ganha aportes mais complexos, já que

definir-se negro ou branco no Brasil está entrelaçado a fundamentos etnossemânticos; ser negro, branco e/ou indígena transpõe os traços fenotípicos (cor da pele, lábios grossos, nariz, textura do cabelo) – aquilo que está na superfície. Ser considerado negro no Brasil está além da quantidade de melanina que se tem no organismo, envolve outros processos de exclusão vinculados à lógica de privilégios sociais – políticos, econômicos e ideológicos (Lima & Vala, 2004; Munanga, 2004).

Entretanto, é possível afirmar que, de forma semelhante aos cenários analisados pelos estudos contidos nessa revisão, nosso país não destoa dos demais ao atrelar a imagem do indivíduo branco a aspectos positivos e do negro a aspectos negativos – “quanto mais branco, melhor, quando mais claro, superior” (Schwarcz, 1996, p. 189). Assim, quando fazemos a interseção entre raça e afetividade, é possível perceber a presença de uma hierarquia racial, inclusive no contexto brasileiro, na qual “o ser branco ou estar com um branco” confere maior status no mercado afetivo e erótico (Smith *et al.*, 2018).

O racismo e a sua negação se expressam de formas distintas e interferem de maneira significativa nas mais diversas searas da vida dos negros no Brasil. Apesar de não se expressar de forma flagrante como nos Estados Unidos de Jim Crow e África do Sul do Apartheid, onde as leis anti-miscigenação imputavam sérias sanções àqueles sujeitos que se envolvessem afetivamente com indivíduos de outras raças (Hugo, 1991; Lay, 1993). A sutileza do racismo à brasileira incide sobre a forma como nos relacionamos afetiva e sexualmente e tornam mais desafiadora a percepção da dinâmica presente nas nossas relações afetivas e sexuais, já que tais ideologias impregnam os nossos afetos se comparada a outras realidades.

Mesmo com o enfraquecimento do racismo científico, vertente que imputava aos negros e indígenas a imagem de seres biologicamente inferiores, na prática, podemos perceber que suas lógicas ainda tocam a maneira como os indivíduos desses grupos são percebidos socialmente e quais são os seus lugares na hierarquia afetiva. O corpo negro em

nosso país está ainda marcado com os estigmas do período escravocrata do racismo científico de Gobineau e Nina Rodrigues. Está mais propenso a ser preterido (Souza, 2008), a vivenciar um celibato compulsório (Berquó, 1987) e a ser fetichizado ou objetificado (Plummer, 2008).

O amor no Brasil tem cor, e o preterimento também tem: é negro (Pacheco, 2013). Esses aspectos são partes constituintes do racismo estrutural e sexual inerente à sociedade brasileira, alimentando a lógica da supremacia branca também no âmbito das relações íntimas. A fetichização, coisificação ou animalização do corpo negro, resquício do período colonial, ainda aparecem na forma como enxergamos o outro e nos relacionamos com ele (Carlson, 2019; Moutinho, 2003; Pacheco, 2013; Plummer, 2008).

Os estereótipos disseminados e inculcados no imaginário coletivo são aspectos relevantes ao observar a operacionalização do racismo afetivo-sexual no âmbito brasileiro. A imagem do negro está atrelada ao sexo devido aos estereótipos etnossexuais (dotado, fogosa, máquina de fazer sexo, bom de cama etc.) (Turra & Venturi, 1995); nesse mesmo sentido, aos indígenas são atribuídos estereótipos de passividade e/ou feminilidade (no caso de indivíduos gays), algo semelhante encontrado por Carlson (2019) em relatos sobre as experiências afetivas e sexuais de indígenas e aborígenes na Austrália. Quando tocamos na temática da passividade/ afeminação, o trabalho de Ramos e Cerqueira-Santos (2020) nos oferece trechos da realidade que envolve os componentes que são intrínsecos a essa afeminação, quem são os sujeitos afeminados e qual o objetivo dos processos hierárquicos que sustentam as assimetrias na comunidade gay.

A partir dos aspectos supracitados, o racismo afetivo-sexual se configura como um fenômeno relevante a ser estudado em nosso país. Como discutido no início dessa seção, o Brasil apresenta em seu tecido social, características peculiares no que tange ao racismo e, em especial, ao racismo afetivo-sexual na sua relação com padrões de beleza e estereótipos, o que demanda um esforço metodológico para pesquisar as relações entre esses temas. Podemos observar, nas expressões dos brasileiros, a existências dessa lógica de preferência, assim

como a influência dos padrões de beleza eurocêntricos e dos estereótipos etnossexuais nas relações afetivas e sexuais.

Racismo Afetivo-Sexual, Pornografia E Exclusão

A música “Bixa preta” (Quebrada, 2017) evoca a personagem de uma pessoa homossexual, pobre e que serve de escárnio para os indivíduos de dentro e fora da sua comunidade, ela é objeto de riso, é um ser à margem, abjeto, não digno de amor, de respeito e afeto – ela contesta o que é ser gay, negro, humano. Em 2011, Cerqueira-Santos e DeSousa em capítulo de livro abordando o Preconceito e Discriminação contra Minorias Sexuais entrevistam um sujeito que, em seu relato, aborda a interseção entre classe e sexualidade, algo muito semelhante ao que é trazido na música supracitada. O sujeito fala sobre as agruras de ser gay e pobre, sendo visto em determinadas épocas do ano (e.g., Carnaval) e depois sendo apagado.

Todo mundo acha que ser gay é fantástico no Rio, mas só se você for bonito e rico. Gays pobres só aparecem no Carnaval ou durante a Parada [do Orgulho] LGBT. Depois nós temos que nos tornar invisíveis e silenciosos. Há dois mundos nesta cidade. Não é fácil ser gay de favela. Homem gay, vinte e oito anos, Rio de Janeiro (Cerqueira-Santos & DeSousa, 2011).

A partir dos extratos supracitados conseguimos ter uma breve noção de qual é o lugar da pessoa negra homossexual tanto na sociedade quanto na mídia. A vivência que cerca esse indivíduo pode ser permeada por estereótipos que objetivam desumanizar e/ou invisibilizar esse sujeito. Esse processo delimita como o homem negro gay é enxergado por seus pares, sendo essa imagem concebida por uma experiência envolta em preterimento, exclusão e hipersexualização (Hall, 1997; Hooks, 2003; Plummer, 2007; Thai, 2019; Thai, 2020).

A invisibilização, tocada pelo entrevistado do estudo de Cerqueira-Santos e DeSousa (2011), nos ilustra como funciona a lógica do racismo afetivo-sexual, o negro gay só pode ser visto em épocas em que seu corpo não é visto como abjeto, por exemplo, no Carnaval. Quando não vítima dessa invisibilização, é visto como um corpo voltado para o cômico (e.g., Vera Verão) e somente para relações permeadas pelo sexo, a bestificação e envolvimento de crenças disseminadas pela pornografia (e.g., Kid Bengala), na qual esse homem negro gay deve atender às demandas do imaginário coletivo eurocêntrico (Pinho, 2012).

Essa representação pornográfica do homem negro gay invade as vivências afetivas e sexuais desse indivíduo, perpetuando entre ele e os demais membros da sociedade que esse corpo é somente concebido para o prazer alheio e não para o afeto, amor. Esse processo de objetificação, demonização (Reguera, 2008), hipersexualização do homem negro (Hooks, 2003), mais especificamente negro gay, imputa um lugar de subalternidade na hierarquia racial afetiva por meio do racismo afetivo-sexual, se estende pela mídia e invade os aplicativos de relacionamento. Os aplicativos de relacionamentos e “pegação” (como representado pelos seus usuários) é um espaço fértil para o racismo afetivo-sexual e afetivo e exclusão.

Aplicativos De “Pegação”: Territórios Férteis Para Racismo Afetivo-Sexual E Exclusão

Em matéria veiculada pelo Carta Capital em 2019, intitulada “Questão de Gosto: o racismo, a homofobia e a gordofobia nos aplicativos de relacionamento”, traz à tona como opera a lógica de hierarquização, exclusão e objetificação dos corpos nesses determinados espaços. Os aplicativos de relacionamento se conceberam como ferramentas fulcrais para a interação sexual e afetiva entre homens gays, bissexuais e homens que fazem sexo com homens (HSH).

Esses aplicativos se apresentam atualmente como acessórios que podem vir a propiciar a diminuição das distâncias físicas e afetivas entre homens ao redor do mundo. No

seio dos “apps”, tudo pode ser resolvido a partir de um clique – o sexo pode se materializar na sua frente em questão de minutos; podemos criar a persona ideal; colocar nossos desejos mais recônditos em prática; deletar o indesejável e efêmero em segundos; deixar virem à tona os preconceitos e racismo deliberadamente (Callander, 2015; Felipe & Takara, 2018; Han, 2017).

A tela do celular se transforma em escudo e imputa uma falsa sensação de proteção e impunidade, nos levando a retirar algumas máscaras e colocar em prática nesses ambientes papéis que, no offline, supostamente, não teríamos a audácia de mostrar. A possibilidade de deletarmos os corpos-que-não-importam (Zago, 2013) propicia a reificação da exclusão.

Sendo assim, ao criarmos o perfil perfeito, sumariamente desejamos perfis que estejam à altura dessa suposta perfeição; perfeição essa que se atrela majoritariamente a um ideal branqueado, másculo, a personificação do Adônis. Os não pertencentes a essa lógica são deixados em segundo plano (para os momentos em que faltam outras opções) ou são sumariamente descartados. Os corpos que não performam tais atributos são vistos como abjetos ou anticorpos (Zago, 2013) – corpos que não seguem a norma branca, máscula, musculosa, cisheteronormativa.

Para ser “aceito”, o corpo divergente, nesse caso, o do homem negro, precisa seguir à risca tais prerrogativas, ser o corpo negro pornográfico – viril, dotado, bruto, incansável, nunca dizer “não” e estar pronto para atender aos desejos do “senhor”. O corpo e a masculinidade desse homem, sejam em âmbitos homo ou heterossexuais, são vistos pelo branco como ameaçadores, mas que precisam ser fetichizados para serem destruídos a partir de um movimento de negação dessa identidade (Hall, 1997), sendo esse processo de fetichização ilusório e massivamente ativado nos aplicativos de relacionamento, reificando o racismo afetivo-sexual e afetivo.

O homem negro pode vir a ser escolhido, mas dificilmente se encaixa no perfil do Adônis, constantemente requisitado pelos usuários dos aplicativos, sendo o corpo dele

sorvido e regurgitado. A esse homem não é possível o status de potencial parceiro romântico, de pessoa, pois ele é reduzido ao falo. O racismo afetivo-sexual ganha contornos distintos nesses espaços, se atrela ao seu funcionamento, à objetificação, hipersexualização e animalização do homem negro. Depois do gozo, seu corpo é descartado, não pode ser mostrado à luz do dia e de forma pública, ao término do prazer ele é deletado (Hall, 2007; Hooks, 2003; Pinho, 2012).

A questão do gosto/preferência é amplamente ativada nesses espaços para dar respaldo ao processo de exclusão, perpetrado por aqueles que colocam em seus perfis frases como “não curto negros, afeminados, gordos, velhos” etc. A lógica da preferência é componente intrínseco ao racismo afetivo-sexual, a qual, nos aplicativos, torna-se ainda mais nítida. Os corpos negros não se encaixam no perfil que merece ser endeusado por outros homens gays, bissexuais e HSH, são os corpos através dos quais se pode somente “exercer o prazer transgressivo.” (Hooks, 2003)

Os efeitos deletérios do racismo afetivo-sexual ficam mais latentes quando pensados a partir das dinâmicas inerentes aos aplicativos de relacionamento e pegação, pois o ato de deletar, deixar implícito essa rejeição pode não possibilitar o processo de elaboração desse preterimento, fica -se subentendido, ou seja, ao excluir esse sujeito sem a possibilidade de uma devolutiva, se abre um precedente para elucubrações acerca de uma ciclo que não se fecha como esperado, vindo a desvelar um sofrimento significativo. Essas consequências serão mais bem elencadas na sessão a seguir para que possamos ter um vislumbre dos danos causados pela vivência do racismo afetivo-sexual entre homens gays, bissexuais e HSH negros nas searas física e psicológica.

Racismo Afetivo-Sexual & Saúde De Homens Negros Não-Heterossexuais

A violência perpetrada pelo racismo e os seus impactos na saúde física e mental da pessoa são inegáveis (Werneck, 2018). Desde o advento da diáspora, os negros são relegados a uma sorte de condições insalubres que incidem sobre as instâncias física e mental desses sujeitos (Silva, 2005). Fanon (2008) afirmou que o racismo ocidental assume características insidiosas, regendo a estrutura psíquica do sujeito moderno afirmando que o opressor e o oprimido são guiados por uma lógica de repressão e recalque.

O racismo que se alastra por instituições e estrutura as relações no Brasil determinando quais são os corpos que deverão ter o direito de existir. As políticas públicas (impossibilitando acesso amplo a saúde, educação, emprego, moradia...) precárias são permeadas pelas mais diversas formas de racismo (Almeida, 2019; Damasceno & Zanello, 2018; Werneck, 2018).

Mesmo com a constatação dos impactos do racismo na saúde física, mental e em outras searas da vida das pessoas negras, a psicologia ainda se encontra em estágio embrionário quando se trata de abordar e denunciar os efeitos deletérios dessa violência. Para Munanga (2003), a psicologia precisa evoluir consideravelmente para compreender os impactos da violência de cunho racial tanto para a vítima, quanto para os algozes, bem como o impacto em contextos diversos da vida pessoa negra. Se o racismo por si só se mostra como uma ferramenta de sofrimento mental, violência, ódio, imaginemos esse racismo intercalado com a homossexualidade. Quais os impactos dessa interseção e exclusão reiterada pelo preconceito racial e sexual? A psicologia brasileira precisa estar atenta para as reverberações desse duplo processo de exclusão. Os estudos com esse recorte ainda são considerados escassos em território brasileiro, pois o mito da democracia racial (Freyre, 1983) ainda presente numa sociedade permeada por preconceito racial e sexual nos induz a desconsiderar o sofrimento dos sujeitos que estão fora da lógica brancocisheteronormativa.

Assim, se faz necessário estar atento aos impactos dessa dupla violência sofrida pelo indivíduo negro gay, bissexual e HSHs. Pesquisas em âmbito internacional têm realizado a interseção entre raça e sexualidade com os possíveis impactos do racismo afetivo-sexual na saúde mental de homens não-brancos gays, bissexuais e HSH, sendo algumas sumarizadas a seguir

Plummer (2007) disserta sobre as dinâmicas inerentes ao funcionamento do racismo afetivo-sexual na cidade de Seattle. Tomando como base a comunidade de homens gays da região, a autora assevera que o racismo em sua expressão sexual e afetiva é parte dos ditames que regem as relações desenvolvidas por homens gays. Os impactos na saúde foram identificados pela autora a partir de entrevistas com os participantes, sendo demonstrados altos de níveis de baixa autoestima, insatisfação corporal, abuso de substâncias, ansiedade e depressão devido à vivência de racismo afetivo-sexual.

Seguindo um percurso metodológico semelhante ao da autora citada anteriormente, Bhambhani, Flynn, Kellum e Wilson (2018) empreendem um estudo buscando a interseção entre o racismo afetivo-sexual em homens negros que fazem sexo com homens e os impactos do fenômeno na saúde mental desses sujeitos. Os autores asseveram que indivíduos pertencentes a dois ou mais grupos minoritários tendem a desenvolver elevados níveis de estresse de minoria (Meyer, 1995), sendo o racismo afetivo-sexual vivenciado por esses um fator relevante para amplificar tais níveis, propiciando maiores danos à saúde mental, tendo correlação positiva com altos índices de depressão, ansiedade e estresse e eliciando comportamentos que possam ser promotores de sofrimento (abuso de substâncias, exposição a IST's). Para fazer um contraponto, foram avaliadas as estratégias – evitar ambientes massivamente brancos; promover vínculos afetivos e sexuais com indivíduos do seu próprio grupo racial – utilizadas por algum desses homens para mitigar os agravos causados pelo racismo afetivo-sexual, como também a relação com a flexibilidade psicológica na redução desses danos.

Bhambhani, Flynn, Kellum e Wilson (2019), partindo dos pressupostos da pesquisa citada anteriormente, aferem a incidência do racismo afetivo-sexual nos níveis de insatisfação corporal de homens gays, bissexuais e HSHs. A literatura utilizada para embasar o trabalho demonstra que HSH's tendem a ser mais rígidos quanto à própria aparência física, tendem a desenvolver maiores comportamentos de risco e se exercitar exacerbadamente. Quando se intercala estes aspectos com a vivência de racismo afetivo-sexual, os homens não-brancos apresentam maiores indícios de insatisfação corporal, com a forma do próprio corpo e os músculos.

Thai (2019), desenvolve estudo com o intuito de observar os impactos do racismo afetivo-sexual na autoestima e satisfação com a vida de homens não-brancos no contexto australiano. Com ajuda da plataforma responsável pelo aplicativo Grindr, recrutou 1039 homens com o intuito de aferir os níveis dos respectivos construtos nesses homens e o cruzamento com a experiência de racismo afetivo-sexual. As análises dos dados coletados confirmam a hipótese de que o racismo afetivo-sexual sofrido por homens não-brancos se correlaciona positivamente com menor grau de satisfação com a vida e maior nível de baixa autoestima, convergindo com resultados dos estudos citados anteriormente (Bhambhani *et al.*, 2018; Plummer, 2007).

A breve introdução acerca dos impactos do racismo afetivo-sexual na saúde dos homens gays, bissexuais e HSHs não-brancos traz à tona o quanto o fenômeno supracitado impacta na vida afetiva e sexual, além de reverberar em aspectos psicossociais e físicos; também nos permite vislumbrar quais são estratégias de enfrentamento utilizadas pelos sujeitos estudados na tentativa de diminuir seus danos (manter o autoconceito positivo; estabelecer relações afrocentradas; evitar espaços massivamente brancos).

No Brasil, estudos que relacionam tais construtos são praticamente inexistentes. Nesse sentido, atentar para essa dinâmica se mostra urgente em nosso país, principalmente levando em consideração as particularidades do racismo à brasileira. O racismo afetivo-sexual e

afetivo, o processo de hierarquização racial presente na esfera das relações afetivas brasileiras, a lógica de gosto/preferências, estereótipos e padrões de beleza que perpassam a construção social dos afetos, sua relação com a vivência do público LGBTQIA+ negro e suas reverberações na saúde mental precisam ser investigados.

Considerações Finais

O presente ensaio se mostra como um passo inicial para discussão acerca dos impactos do racismo afetivo-sexual e afetivo na vida da pessoa negra. Ao nomearmos um fenômeno, fica mais fácil apreendê-lo e compreender as dinâmicas intrínsecas ao mesmo em diferentes contextos, em especial, na realidade brasileira.

Assim, abre-se um leque de possibilidades para conceber o funcionamento do fenômeno e seu impacto em um grupo ainda mais marginalizado por uma intersecção entre raça, gênero e sexualidade. Este trabalho nos permite pensar sobre a existência de uma hierarquia social que determina quais são os corpos belos e namoráveis e quais são os corpos objetificáveis e descartáveis, pautando-se na ideia de gosto/preferência como uma arma de controle de corpos e afetos que cerceia possibilidades sexuais e afetivas na vida destes homens.

A vida afetiva das pessoas negras, nesse caso, homens negros gays, bissexuais e HSHs é perpassada por uma gama de questões desde o advento da diáspora – seu sexo, masculinidade é pautado em demasia pela ótica do outro (o homem branco, hétero, cis e privilegiado financeiramente). Mesmo com a assinatura da Lei Áurea, as nossas mentes continuam colonizadas pelas normas embraquecidas. Seus corpos são vistos como parques de diversões ou objeto de ojeriza, o repertório de afeto que nos é ofertado sempre perpassa a lógica que os transforma em “genitálias”. Assim, buscou-se compreender como se concebe essa lógica e suas incidências na saúde física e mental desses homens.

Pensando nesse movimento, a psicologia e seus profissionais precisam estar abertos à discussão acerca desses fenômenos e sua efetividade na vida dos indivíduos participantes desse processo, compreendendo como o racismo afetivo-sexual e afetivo incide sobre a saúde mental e relações raciais e sociais no que tange à realidade brasileira. Tanto, psicólogos clínicos, sociais e pesquisadores precisam se conscientizar de como intersecções constroem as identidades desses sujeitos e como eles se percebem no mundo. Seja na clínica ou no âmbito social, racismo não é uma questão apenas de pessoas negras, mas também de pessoas brancas, que são aquelas que direta ou indiretamente o perpetuam. (Mizael *et al.* 2023)

É patente que o racismo e suas múltiplas faces – o racismo afetivo-sexual e afetivo é uma delas – delimita acesso a privilégios, interfere na forma como os indivíduos se percebem em sociedade, imputa status de inferioridade e superioridade para os sujeitos que compõem a nossa sociedade. Portanto, uma agenda de pesquisas acerca do fenômeno apresentado nesse ensaio precisa ser empreendida:

- Racismo Afetivo-Sexual, Mídia e Tecnologias;
- Racismo Afetivo-Sexual e Saúde Mental;
- Racismo Afetivo-Sexual e Estereótipos;
- Racismo Afetivo-Sexual e outras Minorias Sexuais;
- Racismo Afetivo-Sexual e Clínica;
- Racismo Afetivo-Sexual e Relações Sociais.

O tema se mostra vasto de possibilidades e apresenta características peculiares quando pensado na realidade brasileira, não se esgotando facilmente, podendo ser abordado das mais diversas perspectivas psicológicas, propiciando um debate amplo e singular para a psicologia e relações étnico-raciais. A psicologia necessita voltar a sua atenção para as intersecções e o modo como ela afeta a vida dos indivíduos em sociedade. Compreender as relações sociais, políticas, econômicas, ideológicas e afetivas que norteiam a vida da pessoa negra, LGBTQIA+ é um passo cada vez mais necessário quando se intenta uma psicologia mais humana e diversa.

CAPÍTULO 2

O impacto racismo afetivo-sexual em homens gays pertencentes a minorias raciais: Uma revisão de Escopo

Resumo

O objetivo deste estudo foi revisar a produção científica, em busca de reunir evidências sobre o racismo afetivo-sexual e suas dinâmicas. A revisão integrativa abrangeu artigos publicados no período 2000 a 2024, indexados nas bases PsycINFO, PubMed e Scopus nos idiomas português, inglês e espanhol. Um total de 94 estudos foram encontrados e, após as etapas de triagem, elegibilidade e seleção, foram incluídos 29 artigos, seguindo as diretrizes propostas pelo método PRISMA. A análise dos resultados foi categorizada a partir de 3 tópicos: (i) impactos na saúde mental, (ii) racismo afetivo-sexual e aplicativos de relacionamento e racismo afetivo-sexual e processos de exclusão. Os resultados mostraram que o racismo afetivo-sexual tem se mostrado uma temática relevante internacionalmente, sendo observada e analisada a sua interação com as mais diversas formas de sofrimento psicológico e exclusão social em contextos virtuais ou físicos, trazendo à tona o quão as dinâmicas afetivas e sexuais são afetadas por processos de seletividade racial.

Palavras-chave: racismo afetivo-sexual, revisão, homens gays

Abstract

This study aimed to review the scientific literature in search of evidence on affective-sexual racism and its dynamics. The integrative review included articles published between 2000 and 2024, indexed in the PsycINFO, PubMed, and Scopus databases in Portuguese, English, and Spanish. A total of 94 studies were found and, after screening, eligibility, and selection stages, 29 articles were included, following the guidelines proposed by the PRISMA method. The analysis of the results was categorized into 3 topics: (i) impacts on mental health, (ii) affective-sexual racism and dating apps, and (iii) affective-sexual racism and exclusion processes. The results showed that affective-sexual racism has proven to be a relevant topic internationally, being observed and analyzed in its interaction with the most diverse forms of psychological suffering and social exclusion in virtual or physical contexts, highlighting how affective and sexual dynamics are affected by processes of racial selectivity.

Keywords: affective-sexual racism, review, gay men

Introdução

O racismo afetivo-sexual configura-se como um campo de estudo com contornos ainda embrionários no Brasil. As discussões que abordam os âmbitos mais íntimos, como a esfera afetiva e sexual da pessoa preta, têm sido relegadas ao ostracismo, especialmente no contexto da ciência psicológica brasileira. É possível hipotetizar que tal negligência se assemelha a um processo de apagamento, silenciamento e epistemicídio das vivências não-brancas. Esse fenômeno reflete as dinâmicas que evidenciam o componente estrutural do racismo à brasileira (Almeida, 2019). O processo de negação do racismo e de seus efeitos prejudiciais, tanto em nível micro quanto macro, na vida da pessoa negra, integra um projeto político-social que visa estabelecer a política do "*don't ask, don't tell*". Em outras palavras, se não se fala sobre o assunto, ele não existe, promovendo movimentos insidiosos que se disseminam e impactam negativamente a saúde da pessoa preta.

Quando se analisa a interseccionalidade entre raça e identidade sexual, constata-se que a literatura científica psicológica brasileira é ainda bastante incipiente no que diz respeito às vivências de pessoas pretas não-heterossexuais. São escassas as discussões sobre as relações entre essas vivências, o sofrimento psicológico e os impactos na saúde mental desses sujeitos. Esse panorama foi evidenciado por Missiatto e Monteiro (2022) em uma revisão de literatura que buscou dados sobre a práxis clínica e a saúde mental de pessoas negras LGBTQIA+.

Ao ampliarmos o foco para dinâmicas afetivas e sexuais de forma mais abrangente, observa-se uma realidade similar. As expressões afetivas e sexuais de pessoas negras não-heterossexuais não são consideradas áreas de interesse acadêmico no Brasil. Isso resulta em uma significativa lacuna científica sobre as dinâmicas inerentes a essa população. Em contrapartida, quando analisamos esse mesmo fenômeno em contextos fora da América do

Sul, constatamos um crescente número de estudos e debates sobre a virulência do racismo afetivo-sexual e suas implicações. Desde meados de 1997 (Stember, 1997), o racismo afetivo-sexual (ou racismo sexual) tem sido objeto de análises e discussões em países como Estados Unidos, Canadá e Austrália. Nesses contextos, o tema emerge como uma oportunidade de investigar questões relevantes sobre a dinâmica afetiva e sexual de pessoas não-brancas atravessadas pelo racismo.

Diante disso, surgem questões: qual a diferença entre esses contextos e o Brasil? Por que há resistência acadêmica em abordar tais temas? Por que não se explora a intersecção entre raça, identidade sexual e saúde mental? Uma resposta inicial encontra-se na persistência da negação dos impactos do racismo e no modo como ele afeta a vida de grupos sociais marginalizados. Essa ausência de debate segue a lógica do silenciamento e do epistemicídio acadêmico, dado que as instituições acadêmicas brasileiras foram estruturadas para atender a interesses de grupos hegemônicos (e.g., pessoas brancas e privilegiadas), centrando-se exclusivamente em suas demandas. Discutir sexualidade, afetividade e saúde mental, especialmente de pessoas não-brancas, pode ser percebido como uma subversão do status quo. A ideia de que "gosto não se discute" é tratada como uma questão de foro íntimo, impenetrável e, portanto, não passível de debate. Contudo, observa-se que tais pressupostos, ao serem aplicados, geram significativos sofrimentos psicológicos, expondo como as preferências impactam negativamente a realidade de pessoas submetidas a processos de exclusão e exotização (e.g., preterimento, objetificação e invisibilização) no campo afetivo-sexual devido à cor de sua pele e à identidade sexual.

No Brasil, esse fenômeno se manifesta de maneira velada, pois é repleto de nuances e complexidades. Quando combinado ao processo de apagamento e silenciamento, assume uma dimensão ainda mais intrincada. O estigma (Goffman, 2009) associado às trajetórias de pessoas não-brancas e não-heterossexuais reforça sua condição de subalternidade. Os rótulos atribuídos a esses indivíduos tornam-se parte constitutiva de sua identidade social,

promovendo a internalização de atributos negativos e relegando-os a um papel secundário, no qual suas experiências e narrativas são desconsideradas, inclusive no meio acadêmico.

Objetivos

Esta revisão tem por objetivo sintetizar e sistematizar os estudos realizados sobre o racismo afetivo-sexual e seus impactos na saúde mental de homens pretos gays, promover a análise do fenômeno, visando elaborar um panorama acerca das intersecções e dos fenômenos que se imbricam com o racismo afetivo-sexual, bem como fomentar a ampliação dessa discussão a partir da realidade social brasileira, posto que se evidencia que as vivências raciais no Brasil se somam a componentes sutis permeados por resquícios de uma colonização que se mostra exitosa ainda na contemporaneidade (Kilomba, 2019), principalmente quando se trata de vivências pretas não normativas.

Método

Estratégia de Busca

Esta revisão é norteada pelo referencial metodológico do Joanna Briggs Institute (JBI) para a elaboração de revisões de escopo, que consiste em um método sistemático utilizado para explorar a literatura científica, mapeando e compilando evidências científicas com objetivo de informar e direcionar pesquisas futuras (Tricco et al., 2018). A estratégia de busca contou com uma busca inicial limitada às bases de dados Scielo, Pepsic, PsycINFO Pubmed e Scopus. Realizaram-se buscas nos bancos de terminologias científicas, incluindo o *Thesaurus of Psychological Index Terms* da *American Psychological Association* (APA) e os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), para definição dos descritores. Os termos selecionados foram combinados com operadores booleanos, utilizando "Sexual Racism" AND ("*Relationships*"

OR "Mental Health" OR "Prejudice" OR "Discrimination" OR "Gay Men" OR "Men of Color"). Esses descritores foram aplicados em inglês e espanhol, combinados em pares ou trios com os operadores "AND" e "OR". Aspas (") foram utilizadas para delimitar termos compostos, enquanto os operadores booleanos estabeleceram relações entre os termos, com "AND" para interseção e "OR" para adição de sinônimos.

Seleção de estudos

A seleção dos estudos foi realizada em outubro de 2023 nas bases PsycINFO, PubMed e Scopus, acessadas por meio do portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). As plataformas SciELO, PePSIC e LILACS foram excluídas por não apresentarem resultados relevantes sobre a temática. A seleção das bases foi fundamentada em critérios relacionados ao conteúdo e à abrangência multidisciplinar, incluindo produções internacionais e enfoques teóricos e metodológicos alinhados ao escopo deste estudo. Após a busca, todos os estudos identificados foram agrupados e carregados no software *Endnote*, e as duplicatas removidas. Os títulos e resumos foram selecionados por dois revisores de acordo com os critérios de inclusão estabelecidos para a revisão. Divergências que surgiram entre os revisores em cada etapa do processo de seleção foram sanadas por meio de discussão ou por meio de um revisor adicional. Os resultados da busca e do processo de inclusão do estudo foram relatados na íntegra e apresentados em um diagrama de fluxo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-analyses for scoping review* (PRISMA-ScR).

Critérios de Inclusão e Exclusão

Os critérios de inclusão adotados para a presente revisão contemplaram artigos publicados em periódicos revisados por pares, indexados, disponíveis na íntegra e com data de publicação entre os anos de 2000 e 2024. Foram considerados estudos de natureza quantitativa e qualitativa, redigidos em português, inglês ou espanhol, desde que abordassem

a temática do racismo afetivo-sexual (ou sexual). Foram excluídas publicações duplicadas presentes nas bases de dados, assim como livros, teses, dissertações, estudos de revisão e artigos que não abordassem explicitamente o fenômeno ou que não estivessem disponíveis na íntegra.

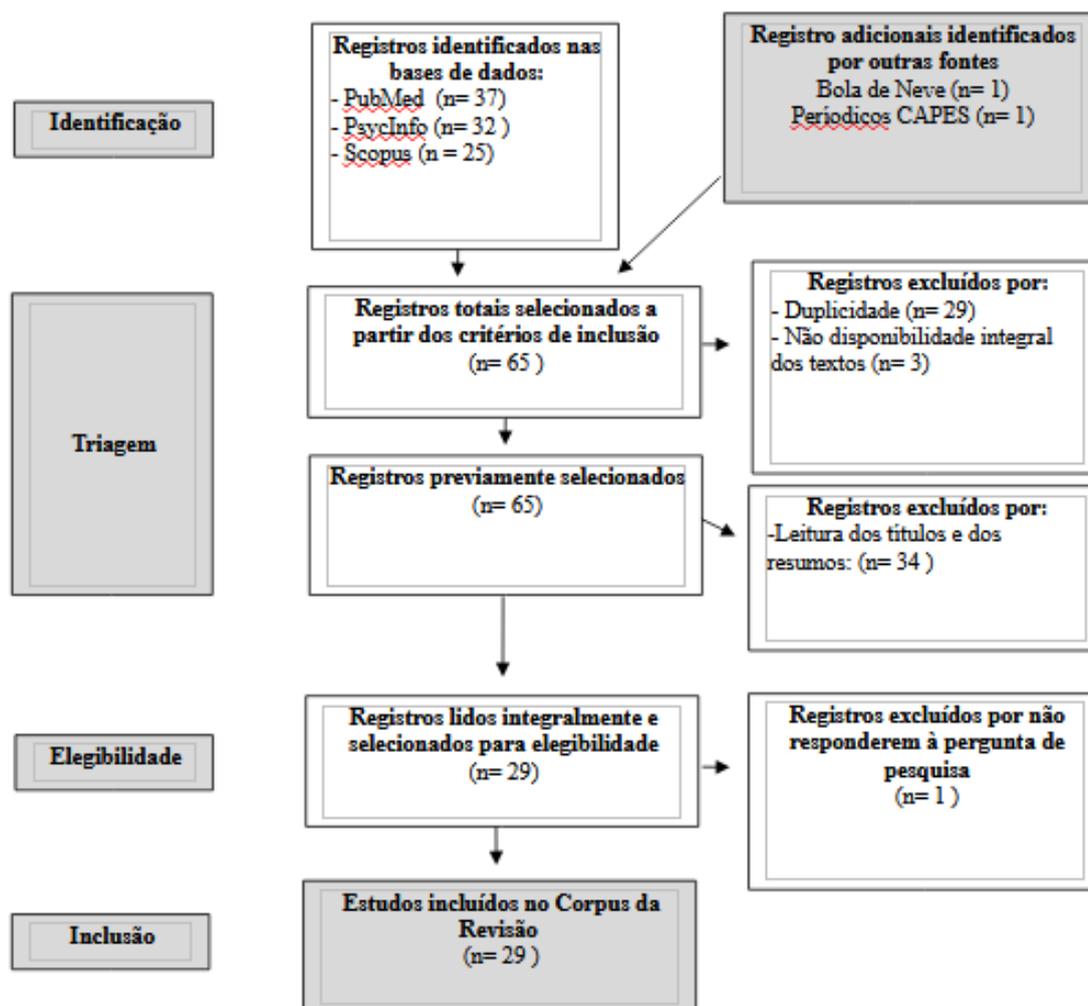
Extração de Dados

Os dados foram extraídos dos artigos levando em consideração aspectos essenciais para a relevância do estudo, bem como o título, objetivo, ano de publicação e periódico. A partir desses dados, foi possível analisar o percurso da produção internacional acerca do tema.

Análise e Apresentação dos Dados

A pré-seleção reportou um total de 94 artigos focando em temáticas inerentes à vivência afetiva e sexual de homens não-brancos gays. Após a exclusão de duplicidades, literatura cinzenta (teses, dissertações ou capítulos de livro) via *EndNote Web* restaram 65 materiais, sendo estes recuperados em sua integridade. Após a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave, restaram 29 artigos que estavam dentro dos critérios de elegibilidade para compor a revisão conforme apresentado através do PRISM-ScR, representado na Figura 1. Após essa etapa, os dados relevantes foram extraídos e organizados em uma planilha do Excel, com base no instrumento JBI, contemplando as seguintes variáveis: título, autor/ano, periódico, subárea do conhecimento e objetivo (Tabela 1).

Figura 1. Fluxograma com processo de seleção dos estudos



Resultados e discussão

A Tabela 1 resume os dados dos estudos quanto aos títulos, ano de publicação e autoria, periódico ao qual foi submetido, subárea de conhecimento e objetivos concernentes à produção internacional encontrada no processo de busca, seleção e análise sobre o racismo sexual (racismo afetivo-sexual).

Análise do Conteúdo

Após o processo de depuração, seleção e leitura dos materiais acerca do racismo afetivo-sexual, é possível destacar a relevância acadêmica e social da temática internacionalmente. Os cenários apresentados nos artigos acerca dos estudos sobre o fenômeno são amplos e diversificados. Essa constatação reifica o que foi preconizado anteriormente – o racismo afetivo-sexual se concebe como uma faceta danosa e pervasiva do racismo.

No levantamento que alicerça essa revisão, é possível estabelecer alguns marcos teóricos sobre o fenômeno em questão, visto que se observa o quão o funcionamento deste tipo de violência segue um *modus operandi*, que propicia asseverar padrões e sistemas que levam à concepção, evolução e manutenção do racismo afetivo-sexual. Sendo assim, o racismo afetivo-sexual tem a sua lógica própria e se ancora em outros processos de exclusão, contextos e dinâmicas para poder se ampliar e transmutar. Dentre os contextos em que ele se ancora para ser difundido, estão os aplicativos de relacionamentos por geolocalização, pois no funcionamento desses observa-se fortemente a ativação de determinados comportamentos, pautados pela possibilidade de excluir e ser preconceituoso com o apertar de um botão e com a proteção da tela. O paradoxo da preferência se estabelece sendo perpetuado, de forma deliberada, e sem o crivo do politicamente correto. Nesse cenário, os usuários deixam vir à tona as formas mais vis e excludentes operacionalizadas massivamente pela afeminofobia e pelo racismo afetivo-sexual. O processo inerente a essas práticas segregadoras é permeado

pelo silenciamento, pelos interditos, pela hiperssexualização e objetificação. (Rodrigues, 2021)

O “jogo” intrínseco aos ditames sociais que imperam nos meandros dos aplicativos de “pegação” para homens gays é bem estabelecido – os corpos devem ter determinado padrão e um tom de pele específico para serem aceitos e desejados mais rapidamente. Já para os corpos que não detêm tais “predicados” são mais propensos à subalternidade, ou seja, corpos pretos, por exemplo, são colocados em um patamar de inferioridade, podendo ser descartados com muito mais facilidade se comparados a brancos e pardos. A experiência nesses ambientes se concebe como massivamente adoecedora para homens não-brancos, quando comparados ao grupo majoritário, principalmente quando se observa os impactos na saúde mental sendo eliciados pela fetichização, desumanização e animalização. (Callander *et al.*, 2012; Callander *et al.*, 2016; Wade & Harper, 2019; Corner, 2020; Ang *et al.*, 2021; Stacey & Forbes, 2021; Wade & Pear, 2022¹; Wade & Pear, 2022²; Glesson *et al.*, 2022; Wade *et al.*, 2022).

Os impactos à saúde mental, eliciados pela vivência do racismo afetivo-sexual e seus impactos se concebem com outro marcado como relevante para se debruçar sobre o fenômeno. Um número considerável de materiais sobre o fenômeno traz em seu bojo a relação quase intrínseca entre vivenciar o racismo afetivo-sexual e ter a saúde mental depauperada. Os dados surgidos desse levantamento denunciam que os efeitos deletérios desse tipo de racismo atingem e se corporificam como mobilizadores de sofrimento mental em vários contextos e atingem massivamente homens não-brancos gays.

Sendo assim, o cenário concebido acerca do fenômeno indica que os danos provenientes do RAS (Racismo Afetivo-Sexual) se corporificam como uma questão urgente de saúde pública, visto que os danos são mais destrutivos do que se imagina. Sua interação com outros tipos de processos de exclusão leva a uma vivência aterradora, pois observam-se impactos diretos na autoestima e na satisfação corporal, e maiores níveis de depressão e ansiedade dos sujeitos violentados, riscos significativos de infecção por doenças sexualmente

transmissíveis, abuso de álcool e outras drogas, baixos índices de bem-estar psicológico, comportamentos sexuais de risco, maiores níveis de ideação suicida e comportamentos autodestrutivos de outros espectros (e.g., comportamentos autolesivos).

Os cenários constatados nesses materiais se configura amplamente negativo, posto que a vivência e o impacto do racismo afetivo-sexual por homens pretos gays trazem para o campo das relações afetivas e sexuais o preterimento, a objetificação, ocultação, negação da humanidade via a retirada da identidade desse sujeito. Esse processo propicia um deslocamento da realidade aliada a um processo de auto-despersonalização, na qual o sujeito não consegue se ver como pessoa, ele transmuta-se em órgão, em um anticorpo, e nesse processo a saúde mental é obliterada, semelhante a própria identidade (Lima & Vala, 2004). A operacionalização dessa dinâmica se concebe como um processo ancestral de colonização da subjetividade, visando o controle do corpo diferente, e nesse movimento a agência desses indivíduos vão sendo modeladas e sufocadas, ocasionando o sofrimento psicológico.

Nesse sentido, temos um terceiro e mais denso marco, o processo de exclusão via a efetivação do RAS, pois todos os outros estão ancorados nele. A exclusão proveniente do fenômeno se assemelha a outros tipos de racismo, contudo por ser operacionalizado na seara dos relacionamentos íntimos, assume um lugar de inacessibilidade. A lógica de superioridade e inferioridade inerente ao racismo afetivo-sexual propicia uma exclusão mais virulenta, pois, no contexto das relações afetivas, a política da “questão de gosto” é ativada e pauta-se numa falácia da negação de que os nossos gostos/preferências não são produtos sociais. Produtos estes que visam a manutenção da estratificação racial e dos privilégios inerentes a ela, inclusive do direito ao afeto e à possibilidade de vivenciar relações saudáveis. A inferiorização dos corpos e da corporalidade preta se dá pela via da desvalorização de corpos não brancos, retirando desses a possibilidade de se perceber como belo, levando à constatação que a vivência interage e exclui possibilidades de uma vida plena, posto que exclui o indivíduo de algo massivamente humano, como as relações íntimas.

Ao observar a dinâmica da exclusão proveniente do racismo afetivo-sexual, é patente observar o funcionamento se interseccionando com classe, idade e outras intersecções, tornando outros contornos mais pungentes e conseqüentemente adoecedores. A exclusão e o preterimento, nesse contexto, vão além de meras expressões usuais. Eles assumem a forma de forças que negam às pessoas pretas a possibilidade de serem "vistas" como dignas de amor, evidenciando como as normas sociais influenciam múltiplas esferas da vida, determinando quem é reconhecido como pessoa e quem merece afeto. Como destaca Lima (2016), ao compartilhar valores e sentimentos, nos tornamos reconhecíveis enquanto pessoas. Assim, o processo de exclusão do racismo afetivo-sexual leva à infra-humanização e demonização. Portanto, ele se manifesta de maneira ainda mais abrangente e destrutiva, pois não apenas nega características individuais ao sujeito, mas também busca seu completo apagamento, tornando-o um alvo descartável e vulnerável à aniquilação.

Tabela 1*Informações sobre os estudos selecionados para a Revisão de Escopo*

| Estudo | Título | Autoria/Ano | Revista ou Periódico | Subárea do conhecimento | Objetivo |
|--------|---|------------------------------|--|-------------------------|---|
| E1 | Navigating Sexual Racism in the Sexual Field: Compensation for and Disavowal of Marginality by Racial Minority Grindr Users in Singapore | Ang <i>et al.</i> (2021) | Journal of Computer-Mediated Communication | Ciências da Informação | Este estudo objetiva investigar os desejos sexuais racializados de usuários do <i>Grindr</i> em Singapura, uma sociedade multirracial do Leste Asiático. |
| E2 | Feeling Like a Fetish: Racialized Feelings, Fetishization, and the Contours of Sexual Racism on Gay Dating Apps | Stacey e Forbes (2021) | The Journal of Sex Research | Sexualidade Humana | Investigar como a fetichização racial se materializa e faz sentir os homens de cor. |
| E3 | A Good App Is Hard to Find: Examining Differences in Racialized Sexual Discrimination across Online Intimate Partner-Seeking Venues | Wade e Pear (2022) | <u>International Journal of Environmental Research and Public Health</u> | Saúde Pública | O estudo visa examinar a frequência com que o jovens negros que transam com outros homem se deparam com racismo afetivo-sexual em aplicativos de relacionamento (<i>Grindr</i> ou <i>Jack'd</i>). |
| E4 | How sexual racism and other discriminatory behaviors are rationalized in online dating apps | Corner (2020) | Journal Deviant Behavior | Comportamento Social | Este artigo objetiva contribuir para a literatura sobre relações virtuais, visando analisar os comportamentos discriminatórios em aplicativos como o <i>Grindr</i> e como eles podem potencializar a vivência do racismo afetivo-sexual. |
| E5 | Online Dating and Mental Health among Young Sexual Minority Black Men: Is Ethnic Identity Protective in the Face of Sexual Racism? | Wade e Pear (2022) | International Journal of Environmental Research and Public Health | Saúde Pública | O presente estudo visa examinar as formas como a identidade étnica pode servir para modificar a relação entre o racismo afetivo-sexual e o bem-estar psicológico entre os jovens negros que transam com outros homens. |
| E6 | Experiences of Online Racialized Sexual Discrimination among Sexual and Gender Minorities in the United States: Online Survey Data from Keeping It LITE | Gleason <i>et al.</i> (2022) | The Journal of Sex Research | Sexualidade Humana | Este estudo procurou analisar a prevalência e os correlatos da discriminação sexual racializada (RSD) online, ou o tratamento discriminatório sexualizado, no contexto de encontros sexualizados, entre homens cisgêneros e indivíduos trans que fazem sexo com |

| Estudo | Título | Autoria/Ano | Revista ou Periódico | Subárea do conhecimento | Objetivo |
|--------|--|--------------------------------|---|-------------------------|--|
| | | | | | homens em risco de contrair HIV. |
| E7 | Racialized Sexual Discrimination (RSD) and Psychological Wellbeing among Young Sexual Minority Black Men (YSMBM) Who Seek Intimate Partners Online | Wade <i>et al.</i> (2022) | <u>Sexuality Research and Social Policy</u> | Sexualidade Humana | Este artigo objetiva entender a associação ente o racismo afetivo-sexual e o bem-estar psicológico de jovens negros que fazem sexo com outros homens. |
| E8 | Not everyone's gonna like me': Accounting for race and racism in sex and dating web services for gay and bisexual men | Callander <i>et al.</i> (2016) | Ethnicities | Sociologia e Política | Os três objetivos deste estudo: (i) descrever como homens de minorias raciais entendem e interpretam o racismo sexual tanto em ambientes online quanto offline; (ii) descrever as experiências racializadas relatadas por esses homens ao procurar parceiros online; e (iii) analisar como os homens dão sentido e respondem a encontros de racismo sexual em espaços online. Esta revisão se concentrará em pesquisas empíricas de ciências sociais que (a) examinem como o racismo afetivo-sexual é experimentado por homens gays/bissexuais de cor, e que (b) tentem organizar as diferentes manifestações desse fenômeno em categorias discretas ou (c) discutam as possíveis implicações do fenômeno no que diz respeito ao funcionamento psicossocial e bem-estar geral de homens gays/bissexuais de cor. |
| E9 | Racialized Sexual Discrimination (RSD) in the Age of Online Sexual Networking: Are Young Black Gay/Bisexual Men (YBGBM) at Elevated Risk for Adverse Psychological Health? | Wade e Harper (2019) | Am J Community Psychol | Psicologia Comunitária | Esta revisão se concentrará em pesquisas empíricas de ciências sociais que (a) examinem como o racismo afetivo-sexual é experimentado por homens gays/bissexuais de cor, e que (b) tentem organizar as diferentes manifestações desse fenômeno em categorias discretas ou (c) discutam as possíveis implicações do fenômeno no que diz respeito ao funcionamento psicossocial e bem-estar geral de homens gays/bissexuais de cor. |
| E10 | Sexual Racism Is Associated with Lower Self-Esteem and Life Satisfaction in Men Who Have Sex with Men | Thai (2020) | Archives of Sexual Behavior | Sexualidade Humana | O presente estudo teve como objetivo investigar a ligação entre experiências de discriminação sexual baseada em raça e dois índices de bem-estar psicológico que ainda não foram examinados quantitativamente nesse contexto - autoestima e satisfação com a vida. |
| E11 | Sexual Racism, Psychological Symptoms, and Mindfulness Among Ethnically/Racially Diverse Young Men Who Have Sex with Men: a Moderation Analysis | Hidalgo <i>et al.</i> (2020) | Mindfulness | Psicologia | Este estudo examinou o possível papel moderador do traço de <i>mindfulness</i> na associação entre o racismo sexual percebido e os sintomas psicológicos em uma amostra comunitária de jovens homens de minorias étnico-raciais que fazem sexo com homens (HSH) residentes na região metropolitana de Los Angeles. |
| E12 | Sexual, gendered, and internalized racism's associations with disordered eating among sexual minority Asian American men: Emotional eating as | Le <i>et al.</i> (2023) | Eating Disorders | Psicologia | O estudo investigou duas principais questões de pesquisa: (a) as associações entre três formas únicas de |

| Estudo | Título | Autoria/Ano | Revista ou Periódico | Subárea do conhecimento | Objetivo |
|--------|---|--------------------------------|---|---------------------------|---|
| | mediator | | | | racismo (ou seja, racismo sexual, racismo de gênero e racismo internalizado) e transtornos alimentares, e (b) a extensão em que a alimentação emocional media as associações entre essas formas de racismo e os transtornos alimentares. |
| E13 | The Role of Psychological Flexibility as a Mediator Between Experienced Sexual Racism and Psychological Distress Among Men of Color Who Have Sex with Men | Bhambhani <i>et al.</i> (2020) | Archives of Sexual Behavior | Sexualidade Humana | Avaliar se a flexibilidade psicológica medeia o efeito da experiência de racismo sexual no sofrimento psicológico. |
| E14 | Examining sexual racism and body dissatisfaction among men of color who have sex with men: The moderating role of body image inflexibility | Bhambhani <i>et al.</i> (2019) | Body Image | Saúde Mental | Este estudo teve como objetivo preencher lacunas na literatura, investigando a insatisfação corporal tanto em homens brancos que fazem sexo com homens (MSM brancos) quanto em homens não brancos que fazem sexo com homens (MCSM). |
| E15 | A Qualitative Exploration of Minority Stress, Mental Health, and Sexual Health Among Arab Immigrant Sexual Minority Men in the United States | Abboud <i>et al.</i> (2024) | Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology | Psicologia | Examinar as experiências de imigração, estressores de minorias sexuais, saúde mental e sexual entre homens de minoria sexual (SMM) árabes imigrantes de primeira geração (nascidos fora dos Estados Unidos) nos Estados Unidos. |
| E16 | Constructing a scale to measure sexual racism experienced by men of color who have sex with men | Bhambhani <i>et al.</i> (2023) | Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity | Psicologia | Construir uma escala para medir o racismo sexual experimentado por homens de cor que fazem sexo com homens. |
| E17 | "I never felt targeted as an Asian ... until I went to a gay pub": Sexual racism and the aesthetic geographies of the bad encounter | Ruez (2016) | Environment and Planning A | Meio Ambiente e Sociedade | Expandir abordagens que focam na análise das condições de um encontro "bom" ou "significativo", que pode reduzir o preconceito ou promover a compreensão intercultural. Este artigo coloca entrevistas com homens asiáticos queer em Sydney, Austrália, em diálogo com a reavaliação de Sara Ahmed sobre o "encontro ruim". |
| E18 | Does Subjective Racial Attraction | Wade e | Sexuality & | | Examina as diferenças na atração racial subjetiva |

| Estudo | Título | Autoria/Ano | Revista ou Periódico | Subárea do conhecimento | Objetivo |
|--------|---|------------------------------|---|-------------------------|---|
| | Vary by Sexual Position? An Analysis of Young Sexual Minority Black Men | Nguyen | Culture | Sexualidade Humana | autorrelatada por jovens homens negros que fazem sexo com homens (YSMBM), com base na posição sexual, em uma amostra de homens que utilizam aplicativos de encontros ou conexões para encontrar parceiros. |
| E19 | Effect of Sexual Racism on Partner Desirability in Gay Asian Men | Lim e Anderson (2021) | Journal of Homosexuality | Sexualidade Humana | O estudo atual visa investigar o efeito das preferências raciais de parceiros potenciais na deseabilidade em homens asiáticos que fazem sexo com homens (HSHM). O estudo tem como objetivo preencher uma lacuna importante na literatura sobre a pornografia gay masculina, pois é um dos poucos que aborda a influência da pornografia gay masculina nos desejos sexuais com base na raça, por meio das percepções auto-relatadas dos usuários de pornografia gay masculina. |
| E20 | Gay male pornography and the racialisation of desire | Corneau <i>et al.</i> (2020) | Culture, Health & Sexuality | Sexualidade Humana | O estudo atual visa investigar o efeito das preferências raciais de parceiros potenciais na deseabilidade em homens asiáticos que fazem sexo com homens (HSHM). O estudo tem como objetivo preencher uma lacuna importante na literatura sobre a pornografia gay masculina, pois é um dos poucos que aborda a influência da pornografia gay masculina nos desejos sexuais com base na raça, por meio das percepções auto-relatadas dos usuários de pornografia gay masculina. |
| E21 | Is sexual racism really racism? Distinguishing attitudes toward sexual racism and generic racism among gay and bisexual men | Callander (2015) | Archives of Sexual Behavior | Sexualidade Humana | Este artigo busca delinear as atitudes que homens gays e bissexuais mantêm em relação à ideia e à prática do racismo sexual. Focamos no racismo sexual tal como ocorre em espaços online, como forma de contextualizar e enquadrar essa questão. O estudo de Callander et al. (2015) foi o primeiro a fornecer evidências de que essas expressões de racismo sexual, ou rejeições baseadas em raça no contexto sexual, estavam, de fato, relacionadas ao racismo cultural perpetuado na sociedade como um todo. Apesar disso, o estudo nunca foi replicado. Nosso objetivo foi realizar uma replicação parcial do estudo nos EUA, utilizando uma amostra de 616 homens gays, bissexuais e heterossexuais. |
| E22 | Is Sexual Racism Still Really Racism? Revisiting Callander et al. (2015) in the USA | Smith <i>et al.</i> (2022) | Archives of Sexual Behavior | Sexualidade Humana | Este artigo busca delinear as atitudes que homens gays e bissexuais mantêm em relação à ideia e à prática do racismo sexual. Focamos no racismo sexual tal como ocorre em espaços online, como forma de contextualizar e enquadrar essa questão. O estudo de Callander et al. (2015) foi o primeiro a fornecer evidências de que essas expressões de racismo sexual, ou rejeições baseadas em raça no contexto sexual, estavam, de fato, relacionadas ao racismo cultural perpetuado na sociedade como um todo. Apesar disso, o estudo nunca foi replicado. Nosso objetivo foi realizar uma replicação parcial do estudo nos EUA, utilizando uma amostra de 616 homens gays, bissexuais e heterossexuais. |
| E23 | The “preference” paradox: Disclosing racial preferences in attraction is considered racist even by people who overtly claim it is not | Thai <i>et al.</i> (2019) | Journal of Experimental Social Psychology | Psicologia Social | Investigar se uma pessoa que revela uma preferência racial seria avaliada como mais racista do que uma pessoa que não o faz, e se isso diferiria com base no fato de o avaliador declarar explicitamente que acredita ou não que ter preferências raciais na atração é racista. |
| E24 | Sexual racism and colourism among Australian men who have sex with men: A qualitative investigation | Jordens e Griffiths (2022) | Body Image | Saúde Mental | O objetivo do presente estudo é investigar as manifestações e interpretações do racismo sexual e do colorismo entre homens que fazem sexo com homens (HSH) na Austrália. |
| E25 | The Creepy White Guy and the | Howard (2023) | Social | Sociologia | |

| Estudo | Título | Autoria/Ano | Revista ou Periódico | Subárea do conhecimento | Objetivo |
|--------|---|--------------------------------|------------------------------|-------------------------|---|
| | Helpless Asian: How Sexual Racism Persists in a Gay Interracial Friendship Group | | Problems | | Este artigo aplica o conceito de racismo sexual a um estudo de caso organizacional de um grupo de amizade formado por homens gays asiáticos e brancos, cujo objetivo é promover o capital erótico dos homens asiáticos, mas que, na prática, mantêm a deseabilidade branca. |
| E26 | Who's Eating Rice? Gay Vietnamese American Men's Experiences With (Sexual) Racism | Nguyen e Han (2024) | Sociological Perspectives | Sociologia | Examinar como um grupo étnico de homens gays asiáticos vivencia o racismo e como esse racismo continua a operar e se manifestar para produzir e reforçar hierarquias raciais dentro da comunidade gay em geral. |
| E27 | Whose Role is It Anyway? Sexual Racism and Sexual Positioning Among Young Sexual Minority Black Men | Wade e Piasecki | The Journal of Sex Research | Sexualidade Humana | Buscou-se comparar jovens homens negros que fazem sexo com homens (YSMBM) que se identificaram como principalmente passivos, versáteis ou principalmente ativos, quanto ao grau em que foram afetados por quatro experiências de discriminação sexual relacionada à raça (RSD), bem como à frequência com que encontraram essas experiências. |
| E28 | Very Few People Say "No Whites": Gay Men of Color and the Racial Politics of Desire | Han e Choi | Sociological Spectrum | Sociologia | Abordar o racismo sexual conforme é vivido por homens gays de cor e examinar as consequências que o racismo sexual tem sobre os membros desses grupos. Ao mesmo tempo, mostramos que homens gays de cor não são simplesmente "vítimas" do racismo sexual, mas confrontam ativamente as hierarquias raciais do desejo. |
| E29 | Just a preference: racialised language in the sex-seeking profiles of gay and bisexual men | Callander <i>et al.</i> (2012) | Culture, Health & Sexuality: | Sexualidade Humana | Este artigo explora as maneiras pelas quais homens gays na Austrália utilizam linguagem relacionada à raça ao usar sites de sexo/encontros online. |

Nota. Fonte: Elaborado pelos próprios autores (2024)

Considerações

Quando abordamos o racismo, especialmente no contexto das relações afetivas e sexuais, podemos perceber o retorno do que Fernandes (1966) chamou de “preconceito de ter preconceito”. Ao serem questionados sobre seus tipos ideais de parceiros afetivos ou sexuais, muitas pessoas demonstram um discurso evasivo, pautado na ideia de “gostos” ou “preferências pessoais” e em atributos subjetivos, como caráter e conduta.

Contudo, na prática, essa lógica é frequentemente contrariada. O desejo, o amor e a afetividade não existem isolados da realidade social, mas estão profundamente influenciados pelos valores e pelas estruturas que moldam nossas percepções. Assim, quando analisamos detalhadamente esses "gostos pessoais", encontramos, em seu âmago, traços do racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira (Almeida, 2019). Essa estrutura confere às manifestações do racismo uma camada mais sutil e dissimulada, ancorada em dinâmicas de poder, o que torna ainda mais difícil questionar e romper com o status quo das relações raciais e a influência dos estereótipos nesse processo.

Nesse sentido, o racismo e os estereótipos desempenham um papel central na dinâmica do chamado racismo afetivo-sexual. Segundo Tajfel (1981), os estereótipos são ferramentas importantes para a economia cognitiva, pois ajudam a organizar nossa percepção da realidade. No caso da raça, eles exercem uma função estruturante na manutenção das desigualdades sociais, reforçando o status quo.

Estereótipos raciais perpetuam a marginalização de pessoas negras e outros grupos racializados nas relações afetivas e sexuais (Silvestrini, 2019), dificultando sua inserção em dinâmicas de engajamento afetivo. Isso ocorre, sobretudo, porque a sociedade incute, na consciência coletiva, a ideia de que existe um padrão ideal de beleza e desejo, baseado na lógica de que “quanto mais branco, melhor; quanto mais claro, superior” (Schwarcz, 1993). Conforme Paternianni (2016), o branco é visto como o padrão legítimo, digno de humanidade, enquanto os corpos não brancos são frequentemente desumanizados e relegados à exclusão.

Outro aspecto relevante é de que o racismo afetivo-sexual acarreta impactos negativos a saúde mental dos indivíduos, afetando o bem-estar, a autoestima, a percepção do próprio corpo e o

sentido da vida. Homens não brancos podem desenvolver comportamentos autodestrutivos, como envolvimento em relações de risco para contaminação por HIV/AIDS, abuso de álcool e outras substâncias, transtornos alimentares, ansiedade e depressão. Diante desses impactos, é passível a defesa de que o racismo afetivo-sexual seja tratado como uma questão de saúde pública, devido aos seus efeitos deletérios, propiciando a criação de estratégias de enfrentamento para mitigar esses danos.

Para tanto, analisar com profundidade a produção acadêmica que vem sendo empreendida acerca do tema é um movimento de suma importância para ampliar os danos desse tipo de violência. Sendo assim, o percurso brasileiro deve ser semelhante ao empreendido por outros países, contudo, levando em consideração as especificidades do nosso país.

REFERÊNCIAS

- Abboud, S., Chaudhry, A. B., & Pachankis, J. E. (2024). A qualitative exploration of minority stress, mental health, and sexual health among Arab immigrant sexual minority men in the United States. *Cultural Diversity & Ethnic Minority Psychology*. Advance online publication. <https://doi-org.ez20.periodicos.capes.gov.br/10.1037/cdp0000645>
- American Educational Research Association [AERA], American Psychological Association [APA], National Council on Measurement in Education [NCME]. (2014). *Standards for educational and psychological testing*. Washington, D.C.: American Educational Research Association.
- Almeida, S. L. (2018). *O que é racismo estrutural?* (pp. 1–23). Belo Horizonte: Letramento.
- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das letras.
- Berquó, E. (1986). Pirâmide da solidão. *Encontro Nacional de estudos Populacionais*, 5.
- Berquó, E. (1987). *Nupcialidade da população negra no Brasil*. Campinas: NEPO, UNICAMP.
- Bhambhani, Y., Flynn, M. K., Kellum, K. K., & Wilson, K. G. (2018). The role of psychological flexibility as a mediator between experienced sexual racism and psychological distress among men of color who have sex with men. *Archives of Sexual Behavior*, 49(2), 711–720. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1269-5>
- Bhambhani, Y., Flynn, M. K., Kellum, K. K., & Wilson, K. G. (2019). Examining sexual racism and body dissatisfaction among men of color who have sex with men: The moderating role of body image inflexibility. *Body Image*, 28, 142–148. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2019.01.007>
- Bhambhani, Y., Kellum, K. K., Bentley, J. P., & Wilson, K. G. (2021). Constructing a scale to measure sexual racism experienced by men of color who have sex with men. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 10(2), 190–205. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/sgd0000526>
- Boschloo, Lynn *et al.* (2015) The network structure of symptoms of the diagnostic and statistical manual of mental disorders. *PloS one*, 10(9), p.e0137621
- Callander, D., Holt, M., & Newman, C. E. (2012). Just a preference: Racialised language in the sex-seeking profiles of gay and bisexual men. *Culture, Health & Sexuality*, 14(9), 1049–1063. <https://doi.org/10.1080/13691058.2012.714799>
- Callander, D., Newman, C. E., & Holt, M. (2015). Is sexual racism really racism? Distinguishing attitudes toward sexual racism and generic racism among gay and bisexual men. *Archives of Sexual Behavior*, 44(7), 1991–2000. <https://doi.org/10.1007/s10508-015-0487-3>
- Callander, D., Holt, M., & Newman, C. E. (2016). ‘Not everyone’s gonna like me’: Accounting for race and racism in sex and dating web services for gay and bisexual men. *Ethnicities*, 16(1), 3–21. <https://doi.org/10.1177/1468796815581428>
- Carlson, B. (2019). Love and hate at the cultural interface: Indigenous Australians and dating apps. *Journal of Sociology*, 56(2), 133–150. <https://doi.org/10.1177/1440783319833181>

- Cerqueira-Santos, E., & DeSousa, E. (2011). Preconceito e discriminação contra minorias sexuais. In M. E. O. Lima & E. Techio (Eds.), *Cultura e produção das diferenças* (pp. 247–274). Brasília: Techno Politik.
- Collins, P. H., & Bilge, S. (2021). *Interseccionalidade*. Boitempo Editorial.
- Conner, C. T. (2022). How Sexual Racism and Other Discriminatory Behaviors Are Rationalized in Online Dating Apps. *Deviant Behavior*, 44(1), 126–142. <https://doi.org.ez20.periodicos.capes.gov.br/10.1080/01639625.2021.2019566>
- Corneau, S., Beaulieu-Prévost, D., Murray, S. J., Bernatchez, K., & Lecompte, M. (2020). Gay male pornography and the racialisation of desire. *Culture, Health & Sexuality*, 23(5), 579–592. <https://doi.org/10.1080/13691058.2020.1717630>
- Cramer, Angélique OJ *et al.* (2012) Dimensions of normal personality as networks in search of equilibrium: You can't like parties if you don't like people. *European Journal of Personality*, 26(4), 414-431.
- Cruz, C. O. S. (2020). A visão de Gilberto Freyre sobre as mulheres negras em Casa Grande & Senzala: um olhar crítico a partir da perspectiva negra. *Revista Textos Graduados*, 7(1), 37–46. <http://periodicos.unb.br>
- Costantini, Giulio *et al.* (2015) State of the aRt personality research: A tutorial on network analysis of personality data in R. *Journal of Research in Personality*, 54, 13-29.
- Damasceno, M. G., & Zanello, V. M. L. (2018). Saúde mental e racismo contra negros: Produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(3), 450–464. <https://doi.org/10.1590/1982-37030003262017>
- Dovidio, J. F., Hewstone, M., Glick, P., & Esses, V. M. (2010). Prejudice, stereotyping and discrimination: Theoretical and empirical overview. In *Prejudice, stereotyping and discrimination* (pp. 3-28). SAGE Publications Ltd. Doi: <https://doi.org/10.4135/9781446200919>
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas* (pp. 25–40). Salvador: EDUFBA.
- Felipe, D. A., & Takara, S. (2018). Corpos negros nos aplicativos de relacionamentos gays: Entre discursos, dinâmicas e subjetivações. In M. Genú, M. P. Abreu, & C. L. Teixeira (Orgs.), *Práticas corporais, cultura e diversidade* (3ª ed., pp. 75–92). Belém: Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade Estadual do Pará.
- Freyre, G. (1983). *Casa-grande e senzala: Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.
- Fredrickson, B. L., & Roberts, T. A. (1997). Objectification theory: Toward understanding women's lived experiences and mental health risks. *Psychology of Women Quarterly*, 21(2), 173-206. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00108.x>
- Fontes, M. L., & Pacheco, A. C. L. (2022). Mulheres racializadas no sul da Bahia: Mapeando colonialidades de gênero, raça/etnia e sexualidade. *Em Tese*, 19(1), 67-86. <https://doi.org/10.5007/1806-5023.2022.e83023>
- Forbush, K. T.; Siew, C. S. Q.; Vitevitch, M. S. (2016) Application of network analysis to identify interactive systems of eating disorder psychopathology. *Psychological Medicine*, 46(12), p. 2667-2677.

- Guimarães, A. S. A. (1999). Racismo e antirracismo no Brasil. *Novos Estudos*, 43, 26–44. Recuperado de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2128310/mod_resource/content/1/ASG_racismo_e_antirracismo_NE%2043_1995.pdf
- Gleason, N., Serrano, P. A., Muñoz, A., French, A. L., & Hosek, S. G. (2022). Experiences of Online Racialized Sexual Discrimination among Sexual and Gender Minorities in the United States: Online Survey Data from Keeping It LITE. *The Journal of Sex Research*, 60(5), 668–673. <https://doi.org/10.1080/00224499.2022.2103633>
- Hall, S. (1997). The spectacle of the other. In S. Hall (Ed.), *Representation: Cultural representations and signifying practices* (pp. 223–290). Londres: Sage Publications.
- Han, C. (2007). They don't want to cruise your type: Gay men of color and the racial politics of exclusion. *Social Identities*, 13, 51–67. <https://doi.org/10.1080/13504630601163379>
- Han, C. S., & Choi, K. H. (2018). Very few people say “No Whites”: Gay men of color and the racial politics of desire. *Sociological Spectrum*, 38(3), 145-161. <https://doi.org/10.1080/02732173.2018.1469444>
- Haslam, N. (2006). Dehumanization: An Integrative Review. *Personality and Social Psychology Review*, 10, 252-264.
- Hidalgo, M. A., Layland, E., Kubicek, K., & Kipke, M. (2020). Sexual racism, psychological symptoms, and mindfulness among ethnically/racially diverse young men who have sex with men: A moderation analysis. *Mindfulness*, 11, 452-461. <https://doi.org/10.1007/s12671-019-01278-5>
- Hirata, E., & Pilati, R. (2010). Desenvolvimento e validação preliminar da Escala Situacional de Satisfação Corporal-ESSC. *Psico-USF*, 15, 1-11. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000100002>
- Hooks, B. (2003). *We real cool: Black men and masculinity* (pp. 15–30). Nova York: Routledge.
- Hordge-Freeman, E. (2015). *The color of love: Racial features, stigma, and socialization in black Brazilian families*. University of Texas Press.
- Hoyt Jr, C. (2012). The pedagogy of the meaning of racism: Reconciling a discordant discourse. *Social Work*, 57(3), 225-234. <https://doi.org/10.1093/sw/sws009>
- Hugo, P. (1991). Multi-cultural education and the heritage of white fear and sexual racism in building the “new” South Africa. *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, 4(2), 265–282. <https://doi.org/10.1080/13511610.1991.9968262>
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 10(1), 41-49. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6674919.pdf>
- Jordens, A., Griffiths, S. (2022). Sexual racism and colourism among Australian men who have sex with men: A qualitative investigation. *Body Image*, 43, 362-373. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2022.10.002>
- Khoa, P. H. (2023, may) The Creepy White Guy and the Helpless Asian: How Sexual Racism Persists in a Gay Interracial Friendship Group, *Social Problems*, 70(2), 361–377, <https://doi.org/10.1093/socpro/spab052>

- Lay, K. J. (1993). Sexual racism: A legacy of slavery. *National Black Law Journal*, 13(1), 165–183. Recuperado de <https://escholarship.org/uc/item/3qd7s83r>
- Le, T. P., Jin, L., & Kang, N. (2023). Sexual, gendered, and internalized racism's associations with disordered eating among sexual minority Asian American men: Emotional eating as mediator. *Eating Disorders*, 31(6), 533–552. <https://doi-org.ez20.periodicos.capes.gov.br/10.1080/10640266.2023.2201024>
- Lim, C. C., & Anderson, R. C. (2021). Effect of Sexual Racism on Partner Desirability in Gay Asian Men. *Journal of Homosexuality*, 70(2), 329–346. <https://doi-org.ez20.periodicos.capes.gov.br/10.1080/00918369.2021.1948772>
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 401–411. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>
- Lima, M. E. O., Rodrigues, H. dos S., & Santos, E. V. (2022). Sexual racism in Brazil: Aesthetic preference, beauty models and stereotypes. *Trends in Psychology*, 30(3), 480–496. <https://doi.org/10.1007/s43076-021-00128-5>
- Meyer, I. H. (1995). Minority stress and mental health in gay men. *Journal of Health and Social Behavior*, 36(1), 38–56. <https://doi.org/10.2307/2137286>
- Mizael, T. M., de Castro, M. S. L. B., & Dittrich, A. (2021). Uma interpretação analítico-comportamental do colorismo e de suas implicações clínicas. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 29(4), 65–81.
- Moutinho, L. (2004). *Razão, “cor” e desejo: Uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: UNESP.
- Munanga, K. (2004). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In A. A. P. Brandão (Ed.), *Cadernos Penesb 5* (pp. 14–25). Niterói: EdUFF.
- Mundell, J. A. (2013, 16–20 de setembro). *As masculinidades de homens negros gays em Salvador da Bahia. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 10*. Florianópolis, Brasil. Recuperado de http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1385128794_ARQUIV_JohnAndrewMundell.pdf
- Nguyễn, T. P., & Han, C. W. (2024). Who's Eating Rice? Gay Vietnamese American Men's Experiences With (Sexual) Racism. *Sociological Perspectives*, 67(1-3), 5–24. <https://doi-org.ez20.periodicos.capes.gov.br/10.1177/07311214241242074>
- Pacheco, A. C. L. (2013). *Mulher preta, afetividade e solidão*. Salvador: EDUFBA.
- Paranhos, M. A. V., & Nery, M. S. (2020). Os usos sociais dos aplicativos de relacionamento: intersecções entre gênero, sexualidade e raça no Recôncavo Baiano. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 6(4), 200–227. <https://doi.org/10.9771/cgd.v6i4.37509>
- Paterniani, S. Z. (2016). Da branquidade do Estado na ocupação da cidade. *RBCS* 31(91), 1–18. doi:10.17666/319109/2016
- Pereira, A., Oliveira, C. A., Bártolo, A., Monteiro, S., Vagos, P., & Jardim, J. (2019). Confiabilidade e estrutura fatorial da Escala de Distress Psicológico de Kessler de 10 itens (K10) entre adultos portugueses. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 729–736. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018243.06322017>

- Pinho, O. (2012). Race fucker: Representações raciais na pornografia gay. *Cadernos Pagu*, 38, 159–195. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332012000100006>
- Pinho, O. (2008). Relações raciais e sexualidade. In Sansone & Pinho (Eds.), *Raça: novas perspectivas antropológicas* (pp. 257-283). EDUFBA.
- Plummer, D. (2007). *Sexual racism in gay communities: Negotiating the ethnosexual marketplace* (Doctoral dissertation, University of Washington, Washington, United States). Recuperado de <https://digital.lib.washington.edu/researchworks/handle/1773/9181>
- Quebrada, L. (2017). Bixa Preta [Gravado por L. da Quebrada]. In *Bixa Preta*. São Paulo, SP: Independente.
- Ramos, M. M., & Cerqueira-Santos, E. (2020). Afeminação, hipermasculinidade e hierarquia. *Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72(1), 159–172. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARB2020v72i2p.159-172>
- Reguera, G. B. (2008). De la demonización al racismo (sobre la desumanización del outro). *Critério Jurídico*, 8(2), 9–24. Recuperado de <https://core.ac.uk/download/pdf/52201904.pdf>
- Rodrigues, A. D. M. (2017). *Racismo, memória e afeto: situações de desamor*. https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/176923/Resumo_54344.pdf?sequence=1
- Rodrigues, H. dos S. (2021). Racismo afetivo-sexual e afetivo e homossexualidade; A quem pertence o corpo do homem negro gay? In Ramos & Cerqueira-Santos (Eds.), *Psicologia & Sexualidade: Diversidade Sexual* (pp. 269-286). Editora Dialética.
- Rodrigues, H. dos S., Sacramento, D. B., & Aragão, V. G. O. (2024). Racismo afetivo-sexual e o preterimento da mulher preta: O amor tem cor?. *Revista da ABPN*.
- Ruez, D. (2017). “I never felt targeted as an Asian ... until I went to a gay pub”: Sexual racism and the aesthetic geographies of the bad encounter. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 49(4), 893-910. <https://doi-org.ez20.periodicos.capes.gov.br/10.1177/0308518X16680817>
- Selvarajah, S., Maioli, S. C., Abi Deivanayagam, T., de Moraes Sato, P., Devakumar, D., Kim, S. S., ... & Paradies, Y. (2022). Racism, xenophobia, and discrimination: mapping pathways to health outcomes. *The Lancet*, 400(10368), 2109-2124.
- Simões, J. A., França, I. L., & Macedo, M. (2010). Jeitos de corpo: Cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cadernos Pagu*, (35) 37-78. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332010000200003>
- Schwarcz, L. M. (1993). *O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil* (pp. 1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, M. L. (2005). Racismo e os efeitos na saúde mental. In L. E. Batista & S. Kalckmann (Eds.), *Seminário saúde da população negra do Estado de São Paulo 2004* (pp. 129–132). São Paulo, SP: Instituto de Saúde.
- Smith, J.G., Sage, A.J., McGlenn, M. *et al.* (2022). Is Sexual Racism Still Really Racism? Revisiting Callander *et al.* (2015) in the USA. *Arch Sex Behav* 51, 3049–3062. <https://doi-org.ez20.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10508-022-02351-2>

- Stacey, L., & Forbes, T. D. (2021). Feeling Like a Fetish: Racialized Feelings, Fetishization, and the Contours of Sexual Racism on Gay Dating Apps. *The Journal of Sex Research*, 59(3), 372–384. <https://doi-org.ez20.periodicos.capes.gov.br/10.1080/00224499.2021.1979455>
- Stember, C. (1978). *Sexual racism: The emotional barrier to an integrated society*. New York: Harper & Row.
- Werneck, J. (2016). Racismo institucional e saúde da população negra. *Revista Saúde e Sociedade*, 25(3), 535–549. <https://doi.org/10.1590/S0104-129020162610>
- Telles, E. E. (2003). *Racismo à brasileira: Uma perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Thai, M., Stainer, M. J., & Barlow, F. K. (2019). The “preference” paradox: Disclosing racial preferences in attraction is considered racist even by people who overtly claim it is not. *Journal of Experimental Social Psychology*, 83, 70–77. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2019.03.004>
- Thai, M. (2020). Sexual racism is associated with lower self-esteem and life satisfaction in men who have sex with men. *Archives of Sexual Behavior*, 49, 347–353. <https://doi.org/10.1007/s10508-019-1456-z>
- Turra, C., & Venturi, G. (1995). *Racismo cordial: A mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Ática.
- Wade R.M, Harper G.W. (2020) Racialized Sexual Discrimination (RSD) in the Age of Online Sexual Networking: Are Young Black Gay/Bisexual Men (YBGBM) at Elevated Risk for Adverse Psychological Health? *Am J Community Psychol*. 65(3-4), 504-523. doi: 10.1002/ajcp.12401
- Wade, R. M., & Harper, G. W. (2021). Toward a multidimensional construct of racialized sexual discrimination (RSD): Implications for scale development. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 8(4), 401. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/sgd0000443>
- Wade, R. M., & Pear, M. M. (2022). Online dating and mental health among young sexual minority Black men: Is ethnic identity protective in the face of sexual racism? *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(21), 14263. <https://doi.org/10.3390/ijerph192114263>
- Wade, R. M., & Piasecki, M. (2024). Whose Role is It Anyway? Sexual Racism and Sexual Positioning Among Young Sexual Minority Black Men. *The Journal of Sex Research*, 1–12. <https://doi-org.ez20.periodicos.capes.gov.br/10.1080/00224499.2024.2305823>
- West, C. (2021). *Questão de raça*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Zago, L. F. (2013). *Os meninos: Corpo, gênero e sexualidade em e através de sites de relacionamento* (Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil). Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/70594>
- Zamora, M. H. R. N. (2012). Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. *Fractal: Revista de Psicologia*, 24, 563-578. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922012000300009>

